



UC/FPCE_2009

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

A percepção do *stress* e das estratégias de *coping* familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

Sandra Marques (e-mail: sandra.a.i.marques@gmail.com)

Dissertação de Mestrado na Área de Psicologia Clínica e Saúde, subárea de especialização em Sistémica, Saúde e Família, sob orientação da Professora Doutora Madalena Lourenço.



A percepção do stress e das estratégias de coping familiares em reclusos: um estudo exploratório.

Resumo: O presente projecto de investigação tem como objectivo analisar a percepção do *stress* e estratégias de *coping* familiares em reclusos, averiguando possíveis diferenças estatísticas entre a amostra de estudo e a amostra de comparação. Tendo este objectivo em vista, procedeu-se à aplicação de um protocolo constituído pelos instrumentos de avaliação FILE e F-COPES, completados com um questionário demográfico. Num primeiro momento, efectuou-se uma comparação entre estas duas amostras, equivalentes em género. Os resultados obtidos revelaram diferenças estatisticamente significativas na percepção do *stress* familiar com os reclusos a registarem uma pontuação mais elevada a este nível. Relativamente à percepção das estratégias de *coping*, não se registaram diferenças estatisticamente significativas entre ambos os grupos, à excepção do factor “procura de apoio espiritual”, onde os reclusos pontuaram significativamente mais. Num segundo momento, procedeu-se à análise da influência de possíveis variáveis mediadoras, sociodemográficas e familiares, na percepção do *stress* e *coping* familiares. Embora de carácter exploratório, esta investigação pode ser um impulsionador de novos estudos e reflexões que, consequentemente, ajudem a implementar novas práticas ou serviços de apoio às famílias dos reclusos.

Palavras-chave: *Stress* familiar, *coping* familiar, reclusão, famílias, percepção.

The perception of stress and coping strategies of families in inmates: an exploratory study.

Abstract: The current investigation project has as purposes to analyze the perception of family stress and coping strategies in inmates, identifying possible statistical differences between the study sample and the sample for comparison. Having this purpose in view, proceeded to the implementation of a protocol consisting of assessment tools FILE and F-COPES, supplemented with a demographic questionnaire. At first, these two sub-samples were compared, similar in genre. The results revealed statistically significant differences in perception of family stress with the inmates to record a higher score at this level. Regarding the perception of coping strategies, there were no statistically significant differences between both groups, except for the factor "seeking spiritual support", where inmates scored significantly higher. In a second time, proceeded to examine the influence of possible mediating variables, sociodemographic and family, the perception of stress and family coping. Although exploratory, this investigation can be a stimulus to further studies and reflections that, consequently, help implement new practices or support services to families of inmates.

Key Words: Family stress, family coping, incarceration, families, perception.

Agradecimentos

À Professora Doutora Madalena Lourenço e à Professora Doutora Isabel Alberto, pela orientação, disponibilidade, carinho e compreensão.

Ao Dr. Miguel Alves, Director do Estabelecimento Prisional de Viseu, e ao Dr. Rui Lima, Técnico de Reeducação do Estabelecimento Prisional de Viseu, por cimentarem o meu gosto pela área de Forense, pela oportunidade de aprendizagem e pela constante disponibilidade.

À minha mãe, ao meu pai, ao meu mano e à minha cunhada, por acreditarem em mim, por me permitirem sonhar e pelo amor incondicional.

À Mariana, pelo companheirismo neste ano de estágio.

À Bárbara, à Preta, à Sara e à Sónia, as amigas de sempre, o meu porto de abrigo.

À Irmandade, pela presença neste meu processo de crescimento.

A todos, obrigado por caminharem ao meu lado sem esperarem nada em troca e gostarem de mim simplesmente por o que sou.

Índice

Introdução	1
I - Enquadramento Conceptual	2
1.1. Reclusão e Reclusos	2
1.2. Reclusão, Reclusos e Família	4
1.2.1. Reclusão, Reclusos e Família: Impacto nas crianças	9
1.3. <i>Stress</i> Familiar	11
1.4. <i>Coping</i> Familiar	13
II - Objectivos	16
2.1. Objectivos Gerais	16
2.2. Objectivos Específicos	16
2.3. Modelo Conceptual	16
III - Metodologia	16
3.1. Critérios de Amostragem	16
3.2. Recolha da Amostra	18
3.3. Caracterização da Amostra	18
3.4. Instrumentos	22
3.4.1. Questionário Sócio-demográfico	22
3.4.2. F-COPES	21
3.4.3. FILE	23
IV - Resultados	24
V - Discussão	32
VI - Conclusão	38
Bibliografia	39
Anexos	43
Anexo 1: Protocolo de investigação	43
Anexo 2: Análise da consistência interna	52
Anexo 3: Análise estatística da comparação entre as amostra	54
Anexo 4: Análise estatística da variável sócio-demográfica “local de residência”	59
Anexo 5: Teste <i>Mann-Whitney</i> da variável sócio-demográfica “habilitações literárias”	62
Anexo 6: Análise estatística da variável sócio-demográfica “nível socioeconómico”	63
Anexo 7: Análise estatística da variável familiar “etapa do ciclo vital”	66
Anexo 8: Análise das correlações da variável familiar “tamanho do agregado”	73
Anexo 9: Análise da correlações da variável familiar “número de filhos a residir no agregado familiar”	75

Introdução

Os reclusos e o meio prisional em que se inserem têm sido amplamente estudados e investigados, merecendo o interesse de inúmeros autores, quer pelos crimes praticados, quer pelo seu processo de adaptação à prisão. Contudo, as famílias e o modo como se adaptam e vivenciam a reclusão de um dos seus elementos parece registar um movimento inverso ao dos reclusos no que diz respeito às investigações e estudos realizados nesta área. Apesar da escassez de estudos junto destas famílias, os que se encontram disponíveis documentam um vasto leque de tensões e *stressores* a que as famílias dos reclusos estão sujeitas.

Com o objectivo de reflectir e analisar a percepção do *stress* e as estratégias de *coping* familiares dos reclusos, o presente projecto de investigação recorre a um protocolo constituído pelos instrumentos de avaliação FILE e F-COPES, complementados por um questionário sócio-demográfico.

Especificado o protocolo a que iremos recorrer, seria oportuno referir algumas das expectativas relativas aos possíveis resultados do presente estudo. A partir da leitura da bibliografia, é-nos sugerido que os reclusos poderão pontuar mais no que diz respeito à percepção do *stress* familiar. Nesta linha de ideias, a literatura disponível é explícita quanto às repercussões negativas da reclusão na família, afectando-a a nível económico, emocional e social. Alguns autores apontam igualmente para o facto de as famílias de reclusos se encontrarem, previamente à reclusão, mais vulneráveis ao *stress*, uma vez que esta população apresenta um maior índice de consumo de substâncias psicoactivas, maioritariamente pertence a um nível socioeconómico baixo e expressa uma maior probabilidade de vários dos seus elementos se associarem ao crime e reclusão. No que concerne às estratégias de *coping*, o estudo realizado por Carlson e Cervera (1991) junto dos reclusos e suas esposas, recorrendo igualmente ao F-COPES, revelou que a percepção das estratégias de *coping* familiares dos reclusos não diferem da população geral, o que nos pode indicar que os resultados obtidos no presente estudo possam ser consistes com a investigação dos autores supracitados. Contudo, vários autores ao fazerem referência às implicações negativas do estigma social na família, sugerem-nos que o estigma associado à reclusão pode representar um obstáculo à activação da rede de suporte social. Neste sentido, seria de esperar que os reclusos apresentassem pontuações mais baixas nos factores do F-COPES correspondentes à aquisição de apoio social.

Num primeiro momento, pretende-se realizar uma revisão das principais referências bibliográficas acerca dos reclusos e suas famílias, articulando estes conteúdos com os constructos a avaliar. Segue-se a exposição dos resultados empíricos obtidos na investigação e, por último, concluiremos com uma discussão e reflexão dos dados recolhido e da bibliografia analisada.

I – Enquadramento conceptual

1.1.Reclusão e Reclusos

“A prisão é um suporte fixo da nossa sociedade no futuro vindouro. É uma comunidade autoritária. Manejada com inteligência poderá ser, na melhor das hipóteses, um despotismo benevolente; manejada estupidamente desmentirá o nosso clamor nacional de magnanimidade, tornando-se uma perigosa anarquia ou a pior das tiranias” (Conrad, 1982, cit. in Gonçalves, 2000, p.135).

Ao longo da história da Humanidade, a criminalidade e reclusão têm sido uma parte integrante da sociedade. Desde as punições desumanas de outrora, até às modernas prisões de alta segurança, esta parece ser uma população que desperta sentimentos ambivalentes, ora aguçando o interesse de inúmeros investigadores, ora avivando os receios de outros. Constituindo-se como uma população com algumas especificidades, num meio igualmente muito específico, estes têm sido amplamente estudados e investigados.

Espreitando o panorama da população reclusa portuguesa, a título ilustrativo, parece-nos interessante abordar algumas das suas especificidades. Em 1999, segundo o relatório especial do Provedor de Justiça José Pimentel, apresentado à Assembleia da República, foram declarados como afectos à totalidade dos Estabelecimentos Prisionais Portugueses 14556 reclusos (13097 reclusos masculinos e 1459 reclusas femininas), e presentes 14239 (12825 reclusos masculinos e 1414 reclusos mulheres). A proporção de reclusos face à população nacional era de 1, 43% em Outubro/Novembro de 1998. No que concerne à repartição da população reclusa por género, a percentagem feminina é de 10,02% da população reclusa. Segundo dados da Direcção Geral de Serviços Prisionais (in Torres & Gomes, 2002), em 31 de Dezembro de 2000, a população reclusa portuguesa era constituída por 12771 indivíduos, sendo 11565 do sexo masculino e apenas 1 206 do sexo feminino, sendo que as reclusas femininas representam 9, 4% da população reclusa portuguesa. Embora o desfasamento entre ambos os géneros seja significativo, esta diferença permanece ainda por explicar. No entanto, alguns autores têm apontado como possível explicação o facto de ambos os sexos apresentarem trajectórias diferenciadas nos meios mais desfavorecidos. Neste sentido, é notória a segregação entre ambos os géneros, uma vez que *“os efeitos de socialização de rapazes e raparigas tendem a empurrar os primeiros para práticas de afirmação identitárias em que o experimentalismo, a acção em grupo e a violência física podem constituir-se como meios de expressão da masculinidade. Pelo contrário, as raparigas tendem a ser socializadas em práticas que favorecem o fechamento doméstico, o retraimento e a contenção”* (cit. in Torres & Gomes, 2002, p.28).

De acordo com o relatório especial do Provedor de Justiça (1999), ao nível da duração das penas e analisando exclusivamente a população reclusa masculina, apenas 1,1% se encontra a cumprir uma pena inferior a seis meses. Os reclusos a cumprir penas de média duração (entre seis meses e

três anos) representam 22,7% da população e 76% encontra-se a cumprir penas de longa duração (superiores a três anos). De salientar que 59,6% dos reclusos masculinos estão detidos devido a crimes associados à toxicodependência e 40,4% por crimes não associados à toxicodependência. Na população masculina, 52% dos indivíduos são primários e os restantes 48% reincidentes.

Relativamente à situação profissional, os dados apontam para uma percentagem de 8,8% de reclusos masculinos sem ocupação e 5,2% de desempregados. No que concerne às habilitações literárias, verificou-se que 9,56% da população reclusa masculina era analfabeta, 47,25% detinha o primeiro ciclo do ensino básico, 29,61% o segundo e terceiro ciclo do ensino básico, 11,25% o ensino secundário, 1,48% o ensino superior e registavam-se 0,85% de reclusos com outro tipo de habilitações não incluídas nas anteriores.

Focando-nos agora no meio prisional, os Estabelecimentos Prisionais ao albergarem indivíduos tidos como violentos ou cujo comportamento revela um desrespeito pelos outros, ganharam, talvez justificadamente, uma má reputação. *“Porém, convém para já encarar a prisão como uma forma de punição cujo aparecimento, transformações futuras e actual permanência, devem ser enquadrados em toda uma ideologia que veicula a necessidade de identificar e punir o desvio de acordo com o princípio de uma “ortopedia correctiva”, fundada, consoante os desígnios da ideologia e da época histórica vigentes, na religião, na moral, na sociedade e também no saber intelectual dominantes”* (Gonçalves, 2000, p.138).

O meio prisional é, consideravelmente, um centro de tensões, de imposições, de uniformização e de controlo (Gonçalves, 1999; Gonçalves, 2002). Trata-se de permanecer por um período de tempo, que nestas condições pode parecer bastante penoso e longo, por ordem de alguém, tribunais ou polícia, num espaço fechado e vigiado, convivendo todos os dias com as mesmas pessoas e cumprindo horários para as refeições, visitas e para dormir. Tal rigidez ao nível da rotina quotidiana gera tensões e *stress* que os reclusos têm de aprender a gerir.

A prisão é vista com uma despersonalização do indivíduo, uma vez que este é retirado do seu meio, privado dos seus bens pessoais e de tudo que até então o definiam enquanto pessoa (Gonçalves, 1999). Esta é, igualmente, encarada pelos reclusos como uma humilhação devido ao controlo e inspecções constantes. Tais situações conduzem a mecanismos de adaptação que oscilam entre a submissão às regras da instituição, doença mental, fuga ou o suicídio. É a “mortificação do eu” (Goffman, 1961, 1986, Sykes, 1958, *cit. in* Gonçalves, 1999), no qual há uma ruptura do indivíduo com os papéis que havia desempenhado até então. Alguns autores definem a prisão como uma “arca de congelamento”, em que o recluso “congela” o seu comportamento externo até nova oportunidade o activar quando sair em liberdade (Gonçalves, 1999).

Uma outra característica deste meio é a sua definição, cada vez mais popular, como uma microsociedade, uma sociedade dentro de uma sociedade (Sykes, 1958, *in* Gonçalves, 1999). A sua definição como uma

microsociedade reporta-se ao facto da prisão possuir regras de conduta e hierarquias de poder, entre os reclusos, muito próprias.

1.2. Reclusão, Reclusos e Família

A reclusão é sinónima de isolamento social. O recluso é desta forma punido e vigiado, numa tentativa de o dissuadir de futuros comportamentos desviantes. Contudo, ao punir o autor do crime, estamos também a punir a sua família, que deste modo se vê privada desta fonte de suporte emocional e material. A família é, numa situação de reclusão, a vítima silenciosa e ignorada (Arditti, 2001, *in* Arditti, Lambert-Shute & Joest, 2003; Daniels & Barrett, 1981), à qual pouca atenção tem sido dispendida. Os estudos e investigações acerca de como a família vivencia a reclusão e o impacto que tem na mesma são ainda escassos (Arditti, Lambert-Shute, & Joest, 2003; Travis, 2005; Carlson, & Cervera, 1991; Myres, Smarsh, Amulund-Hagen, & Kennon, 1999; Daniel & Barrett, 1981; Hairston, 1998). De acordo com Lowenstein (1986, *in* Arditti, Lambert-Shute, & Joest, 2003), tal escassez é devida a estas famílias serem tipicamente percebidas como “patológicas” e as suas crianças entendidas como não existentes. Nesta linha de pensamento, Seymour (*in* Miller, 2006) apelida os filhos dos reclusos de “vítimas escondidas”, dada a sua pouca visibilidade no sistema judicial.

A reclusão representa para a família um evento disruptivo e extremamente *stressante* (Hairston & Lockett, 1987, *in* Carlson & Cervera, 1991; Wright & Seymour, 2000, *in* Christian, Thomas, & Mellow, 2006; Hairston, 2001, 2003, *in* Martinez & Christian, 2008). Estudos indicam que mesmo períodos curtos de encarceramento se constituem como um factor severamente *stressante* para a família (Carlson & Cervera, 1992, *in* Arditti, Lambert-Shute & Joest, 2003; Freudenberg, Daniels, Crum, Perkins, & Richie, 2005). Segundo alguns autores (Homer, 1979, Jorgensen *et al.*, 1986, *in* Carlson & Cervera, 1991), a “perda” de um familiar devido ao encarceramento é sentida pela família como mais desmoralizante do que uma perda resultante de um falecimento.

Pelo seu carácter destabilizador e desmoralizante, o encarceramento tem sérias implicações na estrutura e funcionalidade da família, afectando-a a nível emocional, financeiro e social. Embora a separação do sistema se possa constituir como mais ou menos bloqueadora do funcionamento familiar e individual conforme o modo como os elementos enfrentam a crise, a reclusão exige, por parte da família, uma reorganização estrutural, com redefinição de papéis e funções, simbolizando para o cônjuge do recluso, na ausência do companheiro, o assumir da função de educador único. De acordo com Murray e Farrington (2008), a reclusão de um elemento da família pode significar a perda do rendimento familiar, *stress* emocional do educador único, ruptura da relação com o recluso e mudanças de residência. Um estudo realizado por Morris (1965, *in* Murray & Farrington, 2008) com 825 reclusos masculinos e 469 das suas esposas, revelou que 63% das esposas registou um declínio na sua situação económica, 81% relatou uma deterioração no seu emprego, 46% mencionou uma atitude negativa em relação ao seu casamento e planos futuros, 63% reportou uma deterioração

na sua vida social e 67% registou danos no seu relacionamento com amigos e vizinhos. Estas alterações são posteriores à reclusão e ilustram o impacto da mesma na família. Focando-se nas carências das esposas, estudos realizados por Morris (1965, *in* Daniels & Barrett, 1981) e Anderson (1966, *in* Daniels & Barrett, 1981) identificaram cinco áreas globais nas quais estas necessitam de apoio após o enclausuramento do marido: social, informação, financeira/material, relações familiares e auxílio no cuidado dos filhos. A nível da informação, factores como ter conhecimento da sentença e aspectos judiciais da mesma, normas e regras no que concerne às visitas e meios de contacto com o recluso ou como recorrer a instituições de apoio sociais, são essenciais para a definição que a esposa realiza da sua situação. Privadas destas informações básicas e vendo, assim, a tarefa de definir a situação em que se encontram dificultada, a ambiguidade daí resultante pode transformar um evento problemático numa situação de crise (Hill, 1949, *in* Daniels & Barrett, 1981).

Do ponto de vista económico, a literatura (Arditti, Lambert-Shute & Joest, 2003; Christian, Thomas, & Mellow, 2006; Travis, 2005; Myres, Smarsh, Amulund-Hagen & Kennon, 1999; Daniel & Barrett, 1981; Freudenberg, Daniels, Crum, Perkins & Richie, 2005) afigura encontrar um consenso quanto ao impacto negativo da reclusão na qualidade de vida financeira das famílias. Apesar de a reclusão poder ser conceptualizada como uma consequência de uma condição económica desfavorável, ou como uma agravante da mesma, poucos estudos se focam na correlação entre estas duas variáveis (Watts & Nightengale, 1996, *in* Arditti, Lambert-Shute, & Joest, 2003). As famílias detêm, geralmente, prévia à reclusão de um dos seus elementos, um nível económico bastante vulnerável e precário. Após a reclusão, a maioria destas famílias vivem abaixo do limiar da pobreza (Arditti, Lambert-Shute, & Joest, 2003; Hairston, 1998). Estudos realizados neste sentido (Arditti, Lambert-Shute, & Joest, 2003; Christian, Thomas & Mellow, 2006), concluem que este declínio da sua situação económica se deve a inúmeros factores, tais como a probabilidade das esposas de reclusos abandonarem o seu emprego, a perda de apoio relativamente às crianças, novas despesas associadas à reclusão e a perda do salário do elemento encarcerado. De acordo com o Departamento Estatístico de Justiça dos Estados Unidos (1997, *in* Travis, 2005), 71% dos reclusos pais possuíam um emprego, *part-time* ou *full-time*, no mês anterior à sua detenção. No panorama da população reclusa masculina portuguesa, em 1998 (Provedor da Justiça, 1999), apenas uma percentagem de 8,8% reclusos masculinos não tinham uma ocupação antes do encarceramento e 5,2% encontravam-se desempregados. Da restante população reclusa masculina, 5,6% encontravam-se empregados no sector primário, 40,9% no sector secundário e 16,8 no terciário, trabalhando por conta de outrem. Os profissionais liberais representavam 3% e os comerciantes/industriais 13,2%. Com a sua detenção, a família vê-se, assim, privada de um importante suporte financeiro, sobrecarregando ainda mais o educador único com esta responsabilidade. Seguindo esta linha de ideias, estudos indicam que a tensão resultante de uma situação financeira adversa tem efeitos negativos

no educador único, tais como padrões parentais/educacionais instáveis e rígidos que, por sua vez, interferem no bem-estar emocional dos filhos (McLoyd, 1998, *in* Travis, 2005).

A árdua tarefa de assegurar a manutenção dos laços e do contacto com o elemento enclausurado representa, igualmente, uma fonte de tensão a nível financeiro. No seu estudo acerca das necessidades das esposas dos reclusos, Daniel e Barrett (2006) observaram que, nos aspectos correspondentes ao nível financeiro/material, o maior *stressor* apontado pelas esposas prendia-se com o meio de transporte utilizado nas deslocações à prisão e o esforço económico adicional resultante do mesmo. De facto, enquanto os benefícios da manutenção dos laços com a família são evidentes para os reclusos, esta tarefa acarreta algumas inconveniências, materiais e emocionais para a família (Christian, Thomas, & Mellow, 2006; Hairton, 1998). Na perspectiva dos reclusos, o contacto com a família representa uma valiosa via de comunicação com o mundo exterior, suporte emocional e material, como, por exemplo, alimentos, artigos de higiene ou dinheiro, e uma oportunidade de manter o contacto com os filhos e familiares (Bramam, 2004, *in* Christian, Thomas, & Mellow, 2006). Neste mesmo sentido, Hairton (1988, *in* Dhami, Mandel, Loewstein, & Ayton, 2006) refere que o contacto e suporte familiar durante a reclusão do indivíduo atenuam a possibilidade de reincidência. A presença do apoio familiar nas várias etapas da reclusão (pré, durante e após) é essencial para que o recluso seja bem sucedido após o enclausuramento, diminuindo o risco de reincidência e acentuando exponencialmente uma favorável reentrada na comunidade (Dhami, Mandel, Loewstein & Ayton, 2006; Christian, Thomas & Mellow, 2006; Christian & Martinez, 2008). Contudo, posicionando-nos de acordo com a perspectiva da família, Arditti (2003, *in* Christian, Thomas, & Mellow, 2006) refere que as deslocações à prisão e as visitas constituem-se como uma fonte de *stress* para a família, agravando-se quando não é possível um contacto físico, particularmente no caso das crianças. Christian, Thomas e Mellow (2006) mencionam que as consequências imediatas e a longo-prazo do encarceramento afectam negativamente o desejo da família em se manter em contacto com o recluso. Nesta mesma linha de ideias, um estudo realizado por Holt e Miller (1972, *in* Christian, Thomas, & Mellow, 2006) revelou que a frequência com que as esposas visitavam o marido a cumprir pela primeira vez uma pena, apresentava um fraco crescimento durante o segundo ano de reclusão, o que sugere que a relação conjugal se deteriora com o passar do tempo de enclausuramento. Estes dados podem transparecer a dificuldade de as famílias manterem um contacto com o recluso ou um decréscimo no desejo de continuarem a manter esse mesmo contacto.

Num cenário mais sombrio, o desequilíbrio e desconexão das relações do recluso com a sua família podem afectar o papel da mesma na promoção do bem-estar da sociedade, uma vez que a família é um importante mecanismo informal de controlo social que constringe os comportamentos anti-sociais (Travis, 2005; Dhami, Mandel, Loewstein, & Ayton, 2006). Segundo Loeber e Farrington (1998, 2001, *in* Travis, 2005), a qualidade de

vida familiar, como por exemplo, a existência de relações de suporte entre pais e filhos, é um exímio factor de protecção relativamente à delinquência. Ora, com a reclusão e a destabilização do funcionamento e dos laços familiares, esta protecção pode estar comprometida. Crianças de pais reclusos apresentam um maior risco de, no futuro, enveredarem pela delinquência e criminalidade. Este será um assunto que irá ser explorado mais adiante.

A instituição do casamento representa igualmente um meio informal de controlo social. O casamento é um forte prognóstico, comparativamente com a coabitação, de desistência por parte do recluso da actividade criminal (Travis, 2005). Actua como um inibidor, reduzindo as possibilidades de um retorno a actividades criminais e de ex-reclusos se associarem a pessoas relacionadas com o crime. No entanto, a reclusão ao retirar os reclusos do seu meio, constringe a possibilidade de estes encontrarem uma companheira e sobrecarrega o relacionamento dos reclusos que se encontram casados (Lopoo, 2005). De acordo o estudo realizado por Edin (2000, *in* Travis, 2005) acerca dos padrões matrimoniais em mãe com baixos rendimentos, o que as impele ao casamento ou à sua conservação está relacionado com as perspectivas económicas, respeitabilidade social e a fiabilidade do marido, aspectos estes seriamente lesados com a reclusão. Ao enfraquecer a probabilidade de um recluso contrair ou dar continuidade aos laços matrimoniais, estreitam-se igualmente as probabilidades do recluso renunciar ao crime. Em comunidades em que o índice de criminalidade é elevado, verifica-se um fenómeno descrito por Western, Lopoo e MacLanahan (2004, *in* Travis, 2005) como um “equilíbrio entre elevadas taxas de criminalidade e baixas taxas de casamentos”. Este fenómeno indica-nos que a taxa de casamentos está relacionada com a ocorrência de actos criminais, sendo que tal reforça a instituição do casamento como um instigador da desistência de actividades criminais. Um outro fenómeno se observa em comunidades com elevada incidência criminal: “desequilíbrio de géneros” (Braman, 2002, *in* Travis, 2005). Este fenómeno está relacionado com o facto de uma elevada percentagem da população reclusa ser masculina. Este desequilíbrio entre os géneros masculino e feminino constitui-se como um entrave à instituição do casamento e traduz, igualmente, um maior número de famílias com o pai ausente.

A nível social, a família vê-se igualmente confrontada com o estigma associado à reclusão. Segundo Schoenbauer (1986, *in* Arditti, Lambert-Shute, & Joest, 2003), enquanto situações de doença ou morte suscitam por parte dos outros sentimentos de empatia e apoio, a reclusão motiva sentimentos de discriminação e rejeição, isolando ainda mais a família e, conseqüentemente, contribuindo para a redução da rede de apoio social. Num estudo realizado por Daniel e Barrett (1981) com uma amostra de trinta e cinco esposas de reclusos, 25% reportaram que, após o encarceramento do marido, alguns dos seus amigos se distanciaram. Um estudo realizado por Braman (2003, *in* Lopoo & Western, 2005) concluiu que sintomas como depressão e isolamento da família e amigos são mais comuns nas esposas do que no próprio recluso. Braman (2002, *in* Travis, 2005) refere que os

familiares dos reclusos tendem a experimentar alguns constrangimentos no que toca a conversar acerca deste assunto com outras pessoas não pertencentes ao seu círculo de familiares mais próximos, sendo que a explicação apontada pelos mesmos é o estigma associado à reclusão. Nesse mesmo sentido, Daniel e Barrett (1981) observaram que 25% das esposas de reclusos afirmam ocultar com alguma frequência que o marido se encontra detido e 10% revelam já terem sido alvo de insultos motivados pela reclusão do mesmo.

Devido ao estigma social que lhes está associado, muitos pais optam por não contar às crianças, numa tentativa de as proteger, a verdade sobre a reclusão de um dos progenitores (Braman, 2003, *in* Travis, 2003). Contudo, ao optar por não revelar a verdade e ocultar informações acerca da ausência do progenitor, pode-se, na realidade, exacerbar a reacção da criança à separação, bem como acentuar o *stress* e o sentimento de incerteza da mesma.

Embora os projectos de investigação acerca de como a família vivencia a reclusão de um elemento e como gere as tensões psicológicas, emocionais e materiais associados à mesma, sejam ainda poucos, os estudos existentes documentam um largo número de factores negativos implicados na reclusão. Contudo, seria erróneo assumir que as implicações negativas associadas ao encarceramento são, única e exclusivamente, uma consequência da mesma. Na realidade, vários autores apontam para a presença de factores de risco prévios à reclusão. A maioria dos reclusos detém, no momento da detenção, um baixo nível económico e baixas habilitações literárias (Mazza, 2002). Provenientes de famílias multiproblemáticas, a maioria dos reclusos vivenciou uma infância crítica, pautada por consumos de álcool ou estupefacientes por parte dos progenitores (Coll, Surry, & Mola, 1998, Fletcher, Shaver, & Moon, 1993, *in* Shamai & Kochal, 2008). Negligenciados pela família, muitos dos reclusos foram recebidos por instituições ou famílias de acolhimento. Neste mesmo sentido, um estudo realizado por Sheridan (1996), com uma amostra de 81 reclusos femininos e masculinos revelou que ambos os sexos reportam ter experienciado episódios de abusos e negligência, durante a infância e a fase adulta.

De salientar ainda uma elevada incidência de abuso de substâncias psicoactivas na população reclusa prévia ao enclausuramento. No seu estudo, Sheridan (1996) observou que os reclusos femininos e masculinos apresentam um historial de abuso de substâncias, geralmente um padrão de consumo de drogas pesadas prévio à sua última reclusão, e 86% reportou consumir vários tipos de drogas em simultâneo. Nas prisões portuguesas a grande percentagem de detenções (72,9%) é motivada, directa ou indirectamente, por substâncias psicoactivas. Estudos realizados em 1997 revelam que cerca de 75% dos reclusos portugueses apresentavam antecedentes de consumos de drogas (I.P.D.T., 2000, *in* Torres & Gomes, 2002). De acordo com um estudo efectuado por Jorge Negreiros (1997), em nove prisões portuguesas centrais e regionais (n= 362), 71% dos reclusos inqueridos revelaram a utilização regular de pelo menos uma substância

psicoactiva nos quatro meses anteriores à sua detenção. No seu estudo com uma amostra de 2057 indivíduos, Torres e Gomes (2002) concluem que 65,4% dos reclusos já experimentaram e/ou consumiram substâncias psicoactivas. Nesta linha de pensamento, no *Urban Institute's Returning Home* (Visher, La Vigne & Travis, in Travis, 2005) refere-se que a rede familiar alargada dos reclusos apresenta uma elevada taxa de criminalidade, consumos de estupefacientes e violência familiar. Uma percentagem de 62% reclusos relata que pelo menos um elemento da sua família apresenta problemas relacionados com o consumo de substâncias ilícitas ou álcool, sendo que 16% reporta ter conhecimento de quatro ou mais familiares com um historial de abuso de substâncias (Travis, 2005). No que diz respeito ao contacto da família alargada com a justiça, 47% dos reclusos reporta ter pelo menos um membro da sua família que já esteve encarcerado (Shamai & Kochal, 2008).

Ainda nesta linha de ideias, Murray e Farrington (2008) referem que os reclusos apresentam uma maior propensão a experienciarem problemáticas como desemprego, dificuldades socioeconómicas, múltiplos problemas mentais, dificuldades conjugais, negligência e abusos.

1.2.1. Reclusão, Reclusos e Família: impacto nas crianças

Não obstante o presente estudo analisar a percepção dos reclusos relativamente às estratégias de *coping* e *stress* familiar, sabemos que o modo como os filhos respondem e reagem ao enclausuramento do progenitor pode influenciar a percepção do *stress* e estratégias de *coping* familiares dos reclusos pais. Embora o impacto negativo da separação da criança do progenitor esteja extensivamente mais documentado no caso das reclusas mães, estudos demonstram igualmente que a separação dos filhos é angustiante para os reclusos pais (Hairston, 1989, Lainer, 1991, in Sheridan, 1996). Entre outros inúmeros factores, o facto de a criança experienciar uma maior instabilidade na definição do cuidador principal após a reclusão da progenitora, pode estar na base desta diferença de estudos. Um estudo realizado por Mumola (1997, in Travis, 1995) revelou que 64% das mães reclusas reportaram viver com os filhos anteriormente ao encarceramento, comparativamente a 44% dos reclusos pais. Posteriormente à sua reclusão, apenas 28% das crianças com mães reclusas permanecem aos cuidados do pai, sendo que o suporte mais solicitado para esta função é o dos avós (53%). Destas crianças, 26% são acolhidas por outros familiares, enquanto 10% é institucionalizada. Do ponto de vista dos pais reclusos, o cenário afigura-se distinto. Após o encarceramento do progenitor masculino, 85% das crianças permanecem sobre a alçada da mãe, sendo que apenas 16% é entregue aos cuidados dos avós e 6% a outros familiares. De salientar ainda que, apenas uma pequena percentagem (2%) das crianças com o pai recluso é institucionalizada.

De acordo com o *National Resource Center on Children and Families of the Incarcerated* (2007, in Dallaire, 2007), uma em cada quarenta crianças é afectada pela reclusão de um dos progenitores. Contudo, estudos acerca desta temática são ainda escassos e os poucos existentes indiciam limitações

metodológicas devido a utilização de amostras reduzidas e de instrumentos de avaliação não estandardizados (Dallaire, 2007; Travis, 2005; Myres, Smarsh, Amulund-Hagen, & Kennon, 1999; Miller, 2002). Embora ainda em número reduzido, as investigações revelam um vasto conjunto de implicações emocionais e psicológicas nas crianças de pais reclusos. Estudos sugerem que após a reclusão do progenitor, a criança pode apresentar distúrbios do sono, enurese, problemas de concentração, tristeza e introversão (Boswell & Wedge, 2002, Kampfner, 1995, Sack & Seidler, 1978, Skinner & Swartz, 1989, *in* Murray & Farrington, 2008). Estas crianças manifestam uma maior propensão a sintomas como a depressão, irritabilidade, baixa auto-estima, baixo rendimento escolar e comportamentos inapropriados ou disruptivos em casa e/ou na escola (Travis, 2005; Arditti, Lambert-Shute & Joest, 2003; Mazza, 2002). Um estudo realizado por Sack e colaboradores (1976, *in* Murray & Farrington, 2008) revelou que 50% dos filhos de reclusos, de uma amostra de 30 crianças, registaram, após a reclusão, problemas escolares. Devido ao estigma associado à reclusão, filhos de reclusos encontram-se mais vulneráveis ao *bullying* e comportamentos depreciativos por parte dos pares (Boswell & Wedge, 2002, Sack, 1977, Sack, Thomas, & Seidler, 1976, Sack & Seidler, 1978, *in* Murray & Farrington, 2008). A população mencionada apresenta, igualmente, uma maior probabilidade de se envolver com o sistema judicial (Travis, 2005; Schneller, 1978, *in* Mazza, 2002). De acordo com Philbrick (1996, *in* Murray & Farrington, 2008), 30% experienciam distúrbios mentais durante a infância e a adolescência comparativamente a 10% da população geral e tendem a revelar uma maior percentagem de condições adversas durante a infância relativamente aos seus pares (Murray & Farrington, 2005, *in* Murray & Farrington, 2008).

A reclusão de um dos progenitores pode representar para a criança uma separação abrupta e confusa do mesmo, afectando a qualidade da vinculação e acarretando futuros constrangimentos, tanto para a criança como para o progenitor. De acordo com a Teoria da Vinculação de Bowlby (1969, 1973, 1980, *in* Murray & Farrington, 2008), a separação da criança do progenitor, durante a infância, pode ter implicações negativas na qualidade das vinculações que a criança estabelece posteriormente. Bowlby refere que o cuidado ininterrupto prestado pela figura de vinculação é crucial para um bom desenvolvimento da criança, como por exemplo uma nutrição e dieta adequadas, pelo que um corte neste cuidado pode representar um bloqueio e um desafio ao sucesso do desenvolvimento da criança. No caso da reclusão, a criança ao ser retirada dos cuidados dos progenitores e ao experienciar uma instabilidade na definição do cuidador e, conseqüentemente repetidas mudanças de lar, não tem oportunidade de estabelecer uma vinculação segura com o progenitor, sendo que este perde igualmente esta possibilidade (Bowlby, 1969, 1973, 1980, *in* Myres, Smarsh, Amulund-Hagen, & Kennon, 1999).

Moffitt e Caspi (2000, *in* Machado, 2004) sugerem que no que concerne aos casos de comportamentos anti-sociais com início na infância, factores como os estilos parentais e a quebra de laços familiares são

particularmente relevantes. Shaw e Bell (1993, *in* Machado, 2004), nesta mesma linha de pensamento, defendem que factores familiares, nomeadamente as práticas educativas (como por exemplo, a supervisão inadequada) e a qualidade da relação entre o subsistema filial e parental (como por exemplo, a rejeição ou falta de envolvimento), como factores relacionados com o comportamento anti-social. Um estudo realizado com um grupo de 163 rapazes (Marcus e Betzer, 1996, *in* Machado, 2004) acerca da relação entre a vinculação com o progenitor masculino e comportamentos anti-sociais, revelou uma relação negativa do comportamento anti-social e a vinculação segura. No grupo de jovens que reportaram uma “qualidade inferior” na vinculação, verifica-se igualmente um maior índice de comportamentos anti-sociais.

Embora uma presença inconstante dos progenitores na vida da criança possa ter um grande impacto nas representações internas que a criança realiza das suas figuras de vinculação (Myres, Smarsh, Amulund-Hagen, & Kennon, 1999), não é exclusivamente a separação, em si, a responsável pelas dificuldades que lhe são subentendidas. Bowlby e Ainsworth (Kobak, 1999, *in* Murray & Farrington, 2008) descrevem que variáveis como a natureza da separação e a qualidade da vinculação anteriormente à separação são peças essenciais para a compreensão do impacto da separação na criança, sendo que esta pode ser modificada em função destas variáveis. Tomando como exemplo a separação de um progenitores que as crianças experienciam com o processo de divórcio, o sucesso de um bom ajuste por parte destas prende-se, não só com a separação em si, mas também com o modo como os progenitores gerem este processo, a qualidade das relações pais-filhos e a existência de conflitos ou *stressores* anteriores à separação. A este propósito, alguns autores (Emery, 1999; Rutter, Giller, & Hagell, 1998, *in* Murray & Farrington, 2008) defendem que *stressores* como conflitos entre os progenitores e declínio da qualidade de vida, têm um maior impacto na criança do que a separação em si. Bowlby e Ainsworth (1999, *in* Murray & Farrington, 2008) propõem que as adversidades resultantes da separação criança-progenitor podem ser atenuadas com a planificação e negociação da separação, a manutenção da comunicação e da confiança da criança na acessibilidade e disponibilidade dos progenitores. No caso da reclusão, pelas circunstâncias e características que comporta, a separação criança-progenitor pode constituir-se como particularmente dolorosa (Murray & Farrington, 2008).

Neste mesmo sentido, alguns autores chamam a nossa atenção para a pré-existência de condições adversas na família dos reclusos que apontam que estas crianças já se encontram em risco anteriormente à reclusão de um dos seus progenitores (Myres, Smarsh, Amulund-Hagen, & Kennon, 1999). Estas crianças experienciam um ambiente familiar desorganizado e instável, pautado pela negligência, abandono e um comportamento inconsistente por parte dos progenitores, comprometendo-se, assim, a satisfação das necessidades básicas de segurança e protecção da criança.

1.3. Stress Familiar

A percepção do stress e das estratégias de coping familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

Sandra Marques (e-mail:sandra.a.i.marques@gmail.com) 2009

Os constructos que esta investigação pretende avaliar são a percepção do *stress* e das estratégias de *coping* familiares. O *stress* tem-se revelado um conceito amplamente investigado e explorado, suscitando o interesse de vários autores. De facto, dada a multiplicidade de perspectivas e definições, os investigadores parecem não encontrar um consenso relativamente a como definir o *stress* (Lazarus & Monat, 1985).

Muito em voga actualmente, o *stress* é recorrentemente utilizado na linguagem do nosso quotidiano e num sem número de circunstâncias. Tal frequência na nossa linguagem mereceu, por parte da Organização Mundial de Saúde e das Nações Unidas (Pinto & Silva, 2005), a classificação do *stress* como “a doença do século XX”. Embora permaneçam algumas dúvidas quanto à sua definição, o *stress* parece ajustar-se às exigências da sociedade dos tempos que correm, em que tudo se processa a um ritmo alucinante.

O termo *stress* tem origem no verbo latino *stringo*, *stringere*, *strinix*, *strictum* que significa apertar, comprimir, restringir. Inicialmente utilizado para expressar uma pressão ou constrição de natureza física, somente no século XIX o seu significado abrangeu igualmente as pressões exercidas sobre a “mente humana” (Vaz Serra, 1999). Conotado negativamente, este termo é geralmente utilizado para descrever um mal-estar psicológico e físico. Contudo, o *stress* não deve ser encarado invariavelmente como prejudicial, uma vez que comporta uma dupla valência: positiva e negativa. Conotado positivamente, este constitui-se como uma condição de incentivo ou factor de protecção e parte integrante da vivência humana. Enquanto factor de protecção, este desempenha um importante papel em alguns acontecimentos traumáticos que consistem em situações excepcionalmente ameaçadoras da segurança de bem-estar de um indivíduo (Vaz, 2005). Por sua vez, o *stress* crónico, pela sua durabilidade, é particularmente nocivo para o bem-estar do indivíduo. Este diz respeito “a assuntos perturbadores que interferem no desempenho dos papéis e das actividades diárias de um indivíduo e que, por isso, se comportam como se fossem contínuos. Enquanto um acontecimento significativo da vida tem um começo e um fim, este tipo de ocorrências inicia-se insidiosamente e não se sabe quando termina” (Vaz, 2005, p.21).

De acordo com Dohrenwend, Raphael, Schwartz, Stueve e SKodol (1993), na avaliação da gravidade do *stress* é necessário ter em conta três parâmetros: o estímulo perturbador (valência negativa, fatalismo, em medida representa uma ameaça real para o indivíduo, dimensão da mudança provocada num indivíduo quando exposto ao *stress* e grau de exaustão provocado), impacto na vida do indivíduo tendo em consideração o modo como esta decorria anteriormente ao acontecimento e características pessoais ou predisposições da pessoa exposta (características da personalidade, Quociente de Inteligência, crenças e valores, histórias das experiências passadas).

Ao nível do *stress* familiar, Relvas (2005) destaca o modelo *ABX Model de Hill* (1949) e o *Double ABCX Model* de MucCubbin e Petterson (1982, 1983). Estes modelos têm reunido votos positivos ao evidenciarem a

importância do significado que a família atribuiu ao evento indutor de *stress* e a definição que esta realiza do mesmo. O *Family Adjustment and Adaptation Response Model, FAAR Model* (Patterson, 1989, in Relvas, 2005), representa uma evolução dos modelos anteriores e engloba três níveis de significados na forma como a família lida com o *stress* e se tenta adaptar. A estes três níveis de significados correspondem três níveis de abstracção que se encontram inter-relacionados. Englobam os significados situacionais, isto é, os significados construídos em torno do evento *stressante*; a identidade familiar, ou seja, o modo como a família se vê a si e as suas relações; e o ponto de vista da família sobre o mundo, que está relacionado com a forma como a família interpreta a realidade a partir da experiência partilhada, e com as suas crenças.

1.4. Coping familiar

Estritamente associado ao *stress*, o *coping* só recentemente despertou a atenção e a curiosidade dos autores para o modo como os seres humanos respondem a situações de *stress*. Se os autores parecem divergir quanto à definição de *stress*, o mesmo não se verifica relativamente ao *coping*, cuja designação afigura encontrar unanimidade entre os teóricos (Lazarus, & Folkman, 1984, Murphy, 1962, White, 1974, in Lazarus & Monat, 1985). As estratégias às quais os indivíduos recorrem para lidar com o *stress* designam-se de estratégias de *coping*, sendo estas constituídas por um conjunto de processos cognitivos, afectivos e comportamentais que os mesmos constroem para lidar com as situações indutoras de *stress* (Boss, 2002). White (1974, in Lazarus & Monat, 1985) definiu o *coping* como um esforço para lidar com situações de ameaça ou desafio quando a resposta habitual ou automática não é eficaz, sendo necessário encontrar novas soluções ou adaptar as antigas. Segundo White (1974, cit. in Lazarus, & Monat, 1985, p. 5), “*temos uma tendência a nos referirmos ao coping quando temos em mente uma mudança ou problema relativamente drástico que desafia o modo como a família se comporta, requer a produção de novos comportamentos e provavelmente implica efeitos negativos como ansiedade, desespero, culpa, vergonha e dor, cujo alívio parte da necessidade de adaptação. O coping refere-se à adaptação a condições relativamente adversas*”. Embora associado a circunstâncias com um certo grau de dificuldade, mesmo os pequenos desafios ou dificuldades, que vão surgindo no nosso quotidiano, requerem da nossa parte uma adaptação e a utilização de estratégias que nos permitam solucionar e ultrapassar estes obstáculos (White, 1985).

Folkman e Lazarus (1980, in Lazarus & Monat, 1985) sugerem uma taxonomia do *coping* alicerçada em duas categorias: foco no problema e foco emocional. O *coping* focado no problema prende-se com a procura activa de soluções por parte do indivíduo que recorre a estratégias como a perscrutação de informação acerca de como lidar com a dificuldade, confrontação das pessoas responsáveis pela situação e tentativa de não agir prematuramente ou impulsivamente. Por sua vez, o *coping* com um foco emocional tem como objecto atenuar o impacto emocional do *stress*. Neste

sentido, o indivíduo recorre a estratégias como evitamento, negação, distanciamento ou alienação do problema e mudança do significado do mesmo. Estas estratégias não modificam, por si só, a dificuldade ou o desafio, contudo, funcionam com um atenuante do *stress* e contribuem para a redução de um mal-estar emocional do indivíduo. A este propósito, Pealin e Schooler (1978, *in* Holahan & Moos, 1986) referem que estratégias de *coping* que envolvem tendencialmente uma redefinição da situação de acordo com os aspectos positivos em detrimento dos aspectos negativos, embora eficaz com *stressores* a nível económico, revelam-se contraproducentes em esferas como o casamento ou a parentalidade.

Na maioria das famílias, a reclusão de um dos seus elementos pode ser encarada com uma crise potenciadora de um grande *stress*. O significado que a família atribui ao evento e a avaliação que realiza do mesmo, influencia a definição do mesmo, bem como as estratégias de *coping* a mobilizar (Carlson & Cervera, 1991). Embora a crise afecte as famílias de forma similar, a reacção de cada uma à mesma é singular. De acordo com o Modelo ABCX de Hill (1965, *in* Carlson & Cervera, 1991), a capacidade de reacção da família à crise “*é influenciada pelas características do evento, as dificuldades que lhe estão associadas, as estratégias de coping e a definição que a família realiza do evento*”. A reclusão de um cônjuge pode significar, caso seja profissionalmente activo, a perda de um importante apoio financeiro e, conseqüentemente, o agravamento ou deterioração dos seus recursos económicos. A família debate-se ainda com a privação do cônjuge/pai, privação esta que deixa à família a árdua tarefa de se reorganizar estruturalmente, a nível dos papéis e funções, e a responsabilidade do marido/esposa em assegurar o papel de educador(a) único(a). Deste modo, a capacidade de resposta da família à reclusão é estreitamente influenciada pela competência de o marido/esposa em se adaptar e gerir na ausência do cônjuge (Carlson & Cervera, 1991). A qualidade do *coping* do companheiro é, assim, crucial, afectando, igualmente, a vivência e adaptação das crianças à reclusão de um dos progenitores.

A literatura sugere que as esposas, face à reclusão do cônjuge, recorrem a um leque variado de estratégias de *coping*, tais como a procura de suporte social, manutenção dos laços familiares com o recluso, reorganização interna e alteração de papéis (Hannon, Martin & Martin, 1984; Lowenstein, 1986, *in* Carlson & Cervera, 1991). A família alargada constitui-se, igualmente, como uma importante fonte de suporte material e emocional. Um estudo realizado por Morris (1967, *in* Carlson & Cervera, 1991) demonstrou que 88% das esposas de reclusos nomearam, pelo menos, um membro da família alargada como um suporte emocional/material relevante.

Com o objectivo de explorar as estratégias de *coping* a que as esposas recorrem para fazer face ao *stress* que a reclusão dos cônjuges representa, Carlson e Cervera (1991) desenvolveram um estudo com esta população. O estudo contou com um amostra de 63 reclusos masculinos e 38 das suas esposas. Desta amostra, 33 reclusos e 27 das esposas encontravam-

se a frequentar o Programa de Reunião Familiar (*Family Reunion Program - FRP*). Ao permitir um espaço onde a família pode estar em privado com o recluso, este programa destina-se a promover e fortalecer o contacto e os laços entre os mesmos. Os critérios de inclusão do recluso no programa prendem-se com o seu comportamento e o seu estado civil (legalmente casado).

Num primeiro momento, reclusos e esposas participaram numa entrevista estruturada, na qual se incluíam tópicos como os meios de comunicação da família com o recluso e fontes de suporte emocional e social entre a família alargada e vizinhos. Adicionalmente a entrevista, ambos os grupos (reclusos e esposas), responderam aos inventários *Family Crisis Oriented Personal Evaluation Scales* (F-COPES) (McCubbin, Larsen, & Oslon, 1981) e o *Family Adaptability and Cohesion Scales* (FACES III) (Olson, Portner, & Lavee, 1981).

De acordo com os resultados obtidos, não existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos reclusos e esposas que frequentam o FRP e os que não o frequentam. Segundo Carlson e Cervera, comparativamente com as amostras recolhidas por McCubbin e colaboradores (1981), tanto os reclusos como as esposas, apresentam uma adaptação razoável à reclusão. Segundo os dados obtidos, as esposas de ambos os grupos (o grupo que frequenta o FRP e o que não frequenta) reportam recorrer a um vasto leque de estratégias de *coping* para se adaptarem à reclusão do marido. As estratégias mais referidas são, em primeiro lugar, o suporte familiar e religioso (orações/fé), seguindo-se a necessidade de restabelecer um ambiente familiar protector para as crianças. Acalentar uma atitude positiva e assegurar a comunicação (visitas ou telefonemas) com o cônjuge recluso são outras estratégias apontadas pelas esposas.

De acordo com os resultados obtidos no F-COPES, as capacidades de *coping* dos participantes encontram-se dentro da média. Observou-se que 61% ($n = 23$) das esposas reportam receber assistência da família alargada, assistência esta que se traduz maioritariamente em *baby-sitting*, apoio financeiro e emocional. A maioria das inquiridas relata estar regularmente com a sua família alargada e 61% está com os mesmos três vezes por semana. No que diz respeito à família do marido, a esposas reportam receber menos assistência destes, bem como despendem menos tempo com os mesmos. A pontuação obtida no F-COPES e a informação recolhida na entrevista, revela ainda que as esposas dos reclusos estão receptivas ao suporte concedido por outras pessoas que lhe sejam significativas, como por exemplo, vizinhos, família alargada e amigos. Contudo, dados indicam que as esposas poderiam receber mais assistência se assim a requeressem. Este resultados verificam-se igualmente nos reclusos, sendo que estes reportam sentir algumas dificuldades em solicitar o apoio de terceiros, partilhar os seus problemas ou recorrer ao suporte proporcionado pela religião. Os dados recolhidos no F-COPES sugerem, desta forma que, no que diz respeito à activação da rede de suporte social, as esposas e os reclusos manifestam algumas dificuldades.

Por outro lado, os resultados demonstram que, tanto os reclusos como

as esposas, pontuam bem nos factores relativos à redefinição e avaliação dos acontecimentos *stressantes* e na aceitação dos mesmos como parte integrante da vida, revelando-se bastante competentes nestas áreas.

II - Objectivos

2.1. Objectivos gerais

O presente estudo encontra-se inserido num projecto de investigação mais abrangente que pretende avaliar a percepção do *stress*, *coping*, qualidade de vida e resiliência nas famílias portuguesas, recorrendo para o efeito a um protocolo que engloba os instrumentos de avaliação FILE, F-COPES, Qualidade de Vida e o Questionário de Forças Familiares. O projecto é conduzido pelo grupo de Sistémica, Saúde e Família da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra, e representa uma continuação do trabalho realizado nos anos lectivos anteriores (2006/2007 e 2007/ 2008).

2.2. Objectivos específicos

O presente projecto de investigação visa identificar a percepção dos reclusos relativamente ao *stress* vivenciado na sua família e as estratégias de *coping* que a mesma utiliza para lidar com esse *stress*.

Tendo em conta as especificidades desta população, pretende-se:

a) Averiguar e analisar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre a amostra de estudo e a de referência, relativamente ao índice de vulnerabilidade ao *stress* e a percepção das estratégias de *coping* familiares;

b) Averiguar e analisar a influência de algumas variáveis sócio-demográficas (idade, estado civil, área de residência, habilitações literárias) e familiares (etapa do ciclo vital, número de filhos, formas de família, composição do agregado familiar) na percepção do *stress* e das estratégias de *coping* familiares.

2.3- Modelo Conceptual

Em seguida, passamos a apresentar o modelo conceptual que esquematiza as nossas hipóteses da relação entre as variáveis em estudo (consultar figura 1).

III - Metodologia

3.1. Critérios de Amostragem

. Um importante critério de inclusão na amostra de estudo diz respeito ao estado civil dos inquiridos, pelo que se procurou excluir da amostra indivíduos solteiros ou que não possuíssem uma ligação afectiva com uma companheira. Considerámos este critério importante na medida em

A percepção do *stress* e das estratégias de *coping* familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

que pretendíamos igualmente analisar a percepção do recluso do *stress* e das estratégias de *coping* às quais a família nuclear recorre, nomeadamente a companheira e os filhos.

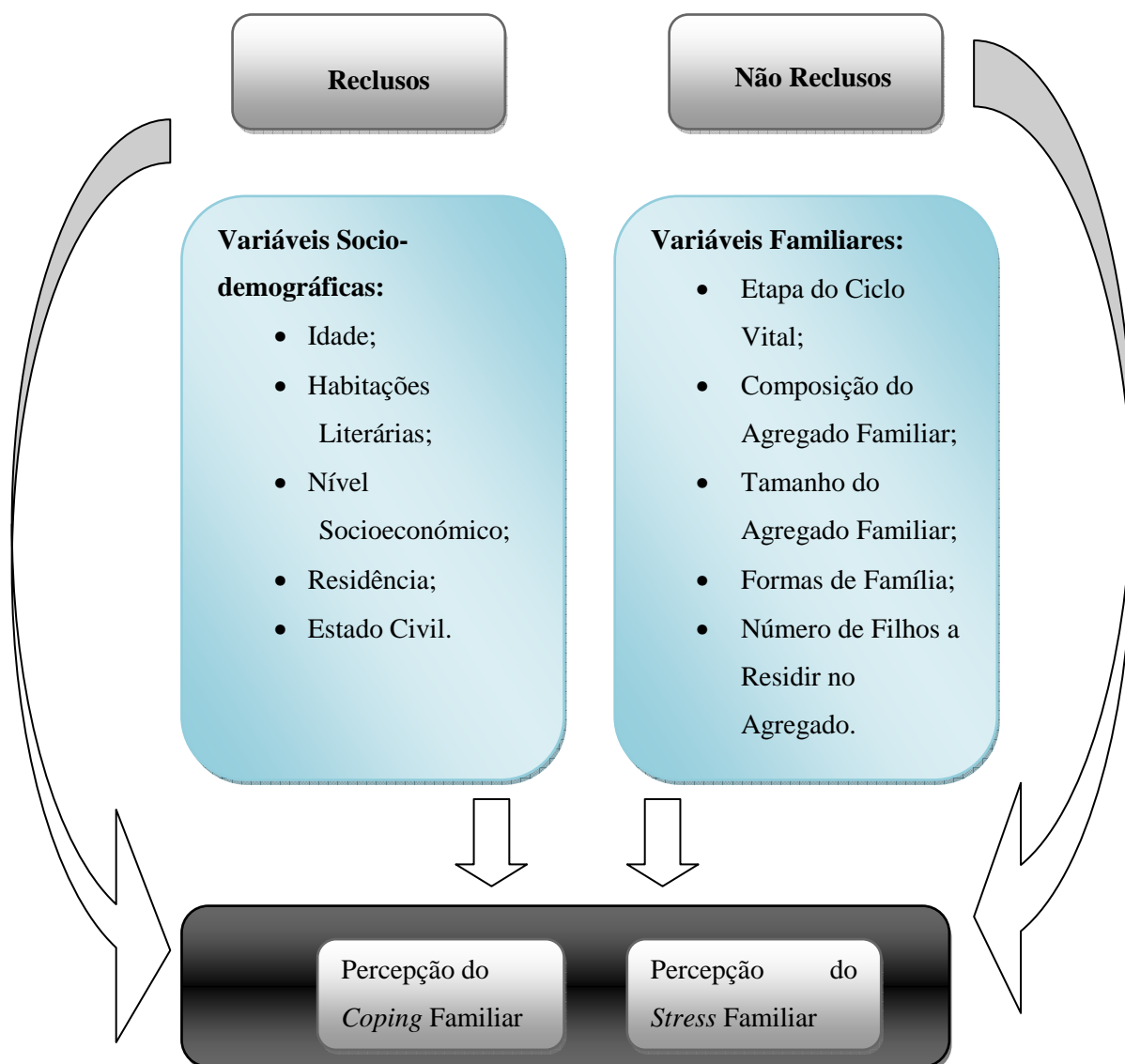


Figura 1: Modelo Conceptual

Os respondentes analfabetos ou com dificuldades a nível da compreensão escrita não foram excluídos da investigação. Nos casos em que tais dificuldades se verificaram, o investigador auxiliou o respondente no preenchimento dos questionários. Este procedimento foi associado face às características particulares de muitos sujeitos reclusos.

A amostra de referência foi recolhida pelo grupo de investigação de Sistémica, Saúde e Família anteriormente mencionado. Dos cerca de 150 inquiridos da população geral, foram seleccionados 29 indivíduos do género masculino, prestando-se especial atenção às suas características socioeconómicas, nomeadamente, ao nível económico e às habilitações literárias, de modo a que estas não se revelassem muito díspares das

características socioeconómicas da amostra de estudo, uma vez que esta última é predominantemente proveniente de um nível económico baixo e com baixas habilitações literárias.

3.2. Recolha da Amostra

A recolha da amostra de reclusos masculinos teve lugar no Estabelecimento Prisional de Viseu, no dia 25 de Fevereiro de 2009. Com vista a este objectivo, organizou-se uma sessão colectiva para o preenchimento dos questionários, antecipadamente acordada com o Técnico de Reeducação do Estabelecimento Prisional acima referido, segundo a disponibilidade logística do mesmo e de modo a não coincidir com os dias de visita dos reclusos. A sessão colectiva para o preenchimento dos questionários contou com a presença de 25 reclusos, previamente seleccionados em função do seu estado civil. Aquando a distribuição dos protocolos de investigação, facultaram-se algumas informações respectivas ao investigador e ao projecto de investigação em questão, explicando-se em que consistia e quais os seus objectivos. Assegurou-se a confidencialidade, anonimato, bem como o carácter voluntário da participação. Certificou-se igualmente que a declaração de consentimento serviria apenas para fins burocráticos e não para identificar o sujeito ao qual pertencia o questionário, dúvida esta que surgiu com alguma frequência. Os sujeitos assinaram ainda uma outra declaração de consentimento requerida pelo Estabelecimento Prisional.

No processo de recolha da amostra no Estabelecimento Prisional de Viseu, contámos com a colaboração do Dr. Rui Lima, Técnico de Reeducação, com formação em Psicologia Clínica. Dado a comparência de reclusos alfabetos e com baixas habilitações literárias, o Dr. Rui Lima disponibilizou-se para esclarecer as dúvidas dos respondentes e auxiliar os mesmos no preenchimento dos questionários, lendo-os em voz alta.

3.3. Caracterização da Amostra

A actual investigação teve como base o estudo de duas amostras: a amostra de estudo, constituída por 23 homens reclusos do Estabelecimento Prisional de Viseu e a amostra de comparação, constituída por 29 homens não reclusos, seleccionados da base de dados construída pelas mestrandas de Sistémica, Saúde e Família, do ano lectivo de 2008/2009.

Ao nível dos aspectos sócio-demográficos considerou-se a idade, as habilitações literárias, o nível socioeconómico, o local de residência e o estado civil. Na descrição da amostra ainda se aponta o grupo profissional e a religião dos participantes, apesar de não figurarem em análises posteriores. Na caracterização da amostra, para além de se analisar a distribuição dos participantes pelos níveis das variáveis, procurou-se estudar as diferenças entre os grupos, sempre que os dados o permitissem.

Registaram-se idades compreendidas entre os 20 e os 69 anos, sendo a faixa etária mais expressiva, em ambas as amostras, a que reúne participantes com idades entre os 30 e 49 anos (61% na amostra de estudo, 53% na amostra de comparação). De notar que no grupo de comparação

registaram-se 41% de participantes com 50 anos ou mais, ao passo na amostra de estudo este grupo mostra uma expressão muito inferior (13%). Em oposição, a amostra de estudo revela mais participantes com idades compreendidas entre os 20 e os 29 anos (26%), relativamente ao outro grupo de participantes (7%). Parece assim que a amostra dos reclusos tende a ter elementos mais novos que a amostra de comparação.

No que se prende com as habilitações literárias os grupos também se diferenciam. Na amostra dos reclusos a maioria tem habilitações referentes ao primeiro (48%) ou ao segundo ciclo (30%) do Ensino Básico, registando-se quatro casos com o terceiro ciclo (17%) e um recluso com o ensino superior. Em contrapartida, a amostra de comparação concentra-se maioritariamente ao nível do 3.º ciclo do Ensino Básico (41%), seguido do primeiro (24%) e do segundo ciclo (21%) da mesma etapa escolar. Ainda se verificou 4 participantes com o ensino secundário.

Considerando o nível socioeconómico¹, constatou-se uma grande expressão de sujeitos de nível baixo (74%) na amostra de estudo, ao mesmo tempo que no grupo de comparação os participantes se dividem mais equitativamente entre o nível baixo (41%) e o nível médio (59%). De sublinhar que foi possível esta conclusão pela relevância estatística destas diferenças ($\chi^2 = 5.504$, $p < .05$).

Quanto ao local de residência² a amostra de estudo é essencialmente proveniente de locais predominantemente urbanos (73,9%), contando-se apenas quatro casos de residência em espaço rural. Neste domínio, no grupo de comparação os participantes residem maioritariamente em espaços medianamente urbanos (48%) ou predominantemente urbanos (38%), verificando-se residualmente participantes de locais predominantemente rurais (14%).

Relativamente ao estado civil concluiu-se que quase todos os participantes declararam ser casados ou a viver em união de facto, respectivamente, 65% na amostra de estudo e 93% na amostra de comparação. Registaram-se participantes que voltaram a casar, nomeadamente, oito sujeitos na amostra de estudo e um na amostra de comparação, e um divorciado na amostra de comparação.

Na amostra de estudo, 87% dos inquiridos declararam ser pertencentes à religião católica, sendo que 17 % não respondeu a esta questão ($n=3$). Na amostra de comparação registou-se 40% de sujeitos não católicos.

Por fim, no que se prende com o grupo profissional³ os reclusos

¹ Para a definição do nível socioeconómico, utilizámos a classificação de Mário Simões (1994).

² Para a tipologia das áreas urbanas, recorremos os critérios apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística (1998).

³ Referimo-nos à classificação Nacional das Profissões (I.N.E., 1998): GG1 “Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superior de Empresa”; GG2 “Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas”; GG3 “Técnicos e Profissionais de nível intermédio”; GG4 “Pessoal Administrativo e Similares”; GG5 “Pessoal dos Serviços e Vendedores”; GG6 “Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca”; GG7 “Operários, Artífices e Trabalhadores Similares”; GG8 “Operadores de Instalações e Máquina e Trabalhadores de Montagem”; GG9 “Trabalhadores não Qualificados”.

apresentam menos variabilidade do que o grupo de controlo, estando divididos em seis níveis da variável, ao passo que o grupo de comparação regista-se sujeitos em todas as opções possíveis (10). De todas as opções a mais expressiva na amostra de estudo é o grupo profissional “Grande Grupo Profissional 7” (operários, artífices e trabalhadores similares) (55%), e na amostra de comparação “Grande Grupo Profissional 5” (pessoal dos serviços e trabalhadores) (36%).

Tabela 1. Variáveis socio-demográficas em função da amostra de participantes.

Variáveis	Amostra de estudo		Amostra de referência	
	N	%	N	%
Idade				
20-29 anos	6	26.1	2	6.9
30-49 anos	14	60.9	15	51.7
50 ou mais	3	13.0	12	41.4
Habilitações literárias				
EB 1.º ciclo	11	47.8	7	24.1
EB 2.º ciclo	7	30.4	6	20.7
EB 3.º ciclo	4	17.4	12	41.4
Ensino secundário/ Ensino médio	-	-	4	13.8
Ensino superior	1	4.3	-	-
Nível sócio económico				
Nível baixo	17	73.9	12	41.4
Nível médio	6	26.1	17	58.6
Local de residência				
Predominante/urbano	17	73.9	11	37.9
Mediana/ urbano	-	-	14	48.3
Predominante/ rural	4	17.3	4	13.8
Estado civil				
Casado/união de facto	15	65.2	27	93.1
Recasado	8	34.8	1	3.4
Divorciado	-	-	1	3.4
Religião				
Católica	20	87.0	18	62.1
Não católica	-	-	11	37.9
Profissão				
GG1	-	-	2	7.1
GG2	-	-	1	3.6
GG3	-	-	1	3.6
GG4	1	4.5	1	3.6
GG5	2	9.1	10	35.7
GG6	-	-	1	3.6
GG7	12	54.5	3	10.7
GG8	1	4.5	6	21.4
GG9	6	27.3	-	-
Reformado	6	27.3	3	10.7

Segundo o procedimento anterior, foram igualmente atendidas algumas características familiares dos participantes na caracterização da amostra, nomeadamente a etapa do ciclo vital, a composição e o tamanho do agregado familiar, a forma de família e o número de filhos.

Tabela 2 – Variáveis familiares em função da amostra de participantes.

Variáveis	Amostra de estudo		Amostra de referência	
	N	%	N	%
Etapa do ciclo vital				
Casal sem filhos	3	13.0	3	10.3
Filhos pequenos ou de idade pré-escolar	3	13.0	2	6.9
Filhos idade escolar	5	21.7	4	13.8
Filhos adolescentes	4	17.4	2	6.9
Família lançadora	3	13.0	13	44.8
Ninho vazio	-	-	5	17.2
Não se aplica	5	21.7	-	-
Composição do agregado familiar				
Casal	3	13.0	5	17.2
Pai(s)+filho(s)	13	56.5	22	75.9
Pai(s)+filho(s)+avó(s)	1	4.3	2	6.9
Pai(s)+filho(s)+outro(s)	2	8.7	-	-
Outras composições familiares	4	17.4	-	-
Tamanho do agregado familiar				
1 pessoa	-	-	1	3.4
2 pessoas	3	13.0	8	27.6
3 pessoas	11	47.8	12	41.4
4 pessoas	2	8.7	6	20.7
5 pessoas	4	17.4	-	-
6 pessoas	2	8.7	2	6.9
9 pessoas	1	4.3	-	-
Formas de família				
Nuclear intacta	11	47.8	27	93.1
Reconstituída	12	52.2	1	3.4
Pós-divórcio	-	-	1	3.4
Número de filhos a residir no agregado				
Nenhum	7	30.4	5	18.5
1 filho	10	43.5	10	37.0
2 filhos	2	8.7	12	44.4
3 filhos	2	8.7	-	-
Mais de 3 filhos	2	8.7	-	-

No que se prende com o ciclo vital da família, os participantes da amostra de estudo distribuíram-se de forma equitativa entre as diferentes etapas (com exceção da etapa “ninho vazio”, onde não se registam casos), verificando-se um ligeiro destaque da etapa dos filhos com idade escolar (23%), a mais expressiva neste âmbito. Na amostra de comparação, por sua vez, cerca de metade dos respondentes localiza-se em na etapa família

A percepção do stress e das estratégias de coping familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

Sandra Marques (e-mail:sandra.a.i.marques@gmail.com) 2009

lançadora (45%), estando os restantes distribuídos pelos restantes níveis da variável.

O agregado familiar dos participantes parece ser maioritariamente constituído por pai(s) e filho(s), respectivamente, 57% na amostra de estudo e 76% da amostra de comparação, sendo residuais as restantes opções em ambos os grupos. De facto, em média existem cerca de três pessoas que compõem o agregado familiar dos participantes ($M = 3.4$, $DP = 1.41$). Constatámos ainda que, na amostra de estudo ($M = 3.83$, $DP = 1.64$), os participantes tendem a ter agregados familiares mais numerosos comparativamente à amostra de comparação ($M = 3.07$, $DP = 1.13$), sendo essa diferença não significativa [$U = 246.00$, $p > .05$]. Considerando as formas de família, observou-se que aproximadamente metade dos reclusos vivem no seio de uma família intacta (48%) e os restantes integram-se em famílias reconstituídas (52%), ao passo que na amostra de comparação todos pertencem a famílias intactas, excepto dois sujeitos: um caso de um respondente de uma família pós-divórcio e um outro membro de uma família reconstituída.

No que concerne ao número de filhos a residir no agregado familiar, a maioria dos elementos dos dois grupos de participantes tem um (44% na amostra de estudo e 37% da amostra de comparação) ou nenhum filho (30% na amostra de estudo e 19% da amostra de comparação), sendo que é apenas entre os reclusos que se registam casos com mais de dois filhos a residir no agregado (17%).

3.4. Instrumentos

Os participantes na investigação responderam, num primeiro momento, ao questionário sócio-demográfico, seguindo-se os instrumentos de avaliação. Relativamente aos últimos, as versões utilizadas foram o Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida – FILE (Vaz Serra & cols, 1990; NUSIAF-Sistémica, adaptado em 2007 e validado em 2008) e a Escala de Avaliação Pessoal orientada para a Crise em Família – F-COPES (Vaz Serra & cols, 1990; NUSIAF-Sistémica, adaptado em 2007 e validado em 2008) (consultar Anexo 1).

3.4.1. Questionário Sócio-demográfico

O questionário sócio-demográfico utilizado neste estudo foi elaborado pela equipa de investigadores do ano lectivo 2008/2009. O questionário destina-se à recolha de informação relativa ao respondente e à sua família. Engloba os dados gerais do indivíduo (idade, sexo, área de residência, habitações literárias, religião), a constituição do seu agregado familiar, etapa do ciclo vital da sua família, doenças, falecimentos entre outras informações.

3.4.2. F-COPES - Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família.

A versão original do F-COPES (“*Family Crisis Oriented Personal Evaluation Scale*”) foi desenvolvida por McCubbin, Olson e Larsen (1981) com base no Modelo Duplo de ABCX de McCubbin e Petterson (1982). Este

instrumento visa a avaliação de variáveis relacionadas com as estratégias de *coping* da família, isto é, atitudes e comportamentos efectivos de resolução de problemas, que a família desenvolveu para resolver ou responder a problemas e dificuldades.

O F-COPES é um inventário de auto-resposta constituído por 29 itens que atendem a uma escala do tipo Likert de cinco pontos, em que 1 significa “discordo muito” e 5 “concordo muito”; um valor elevado corresponde a valor igualmente elevado de percepção na utilização das estratégias de *coping*.

A versão original comporta cinco factores agrupados em duas dimensões: interna e externa. A primeira dimensão integra o *reenquadramento* e a *aceitação passiva*. Relativamente à segunda dimensão, podemos encontrar a *procura de suporte social*, *procura de suporte espiritual* e *mobilização da família para conseguir e aceitar ajuda*.

A versão portuguesa do F-COPES é da autoria de Vaz Serra e colaboradores (1990) e designa-se de Escalas de Avaliação Pessoal Orientada para a Crise em Família.

A versão do F-COPES utilizada na presente investigação é a versão validada pela equipa de investigação constituída pelas mestrandas de “Sistémica, Saúde e Família” do ano lectivo de 2007/2008. O estudo de validação contou com uma amostra de 372 sujeitos, dos quais 68% são do sexo feminino e 32% do sexo masculino, com uma média de idade de 44.9 anos ($\sigma = 15.4$) (Martins, 2008).

De acordo com os resultados obtidos, a fidelidade da escala total, determinada pelo coeficiente de *alpha de Cronbach*, obteve um valor de .846, indicador de uma boa consistência interna e aproximando-se do valor obtido pela escala original (0.86) (consultar Tabela 3).

A nível da análise dos factores, o estudo de validação observou que a solução de sete factores apresentava algumas vantagens relativamente à solução de cinco factores, nomeadamente a nível da consistência interna. O F-COPES, segundo a versão dos sete factores, engloba: *Reenquadramento*, *Procura de Apoio Espiritual*, *Aquisição de Apoio Social nas Relações de Vizinhança*, *Aquisição de Apoio Social nas Relações Íntimas*, *Mobilização de Apoio Formal*, *Atitude Passiva* e *Avaliação Passiva*.

Tabela 3. Versão de 7 factores do F-COPES e consistência interna

Factores	Itens	Alpha
Reenquadramento	22, 3, 24, 11, 7, 13, 15	,79
Procura de Apoio Espiritual	23, 14, 27, 30	,85
Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhança	10, 8, 29	,82
Aquisição de Apoio social – Relações Íntimas	2, 5, 16, 1, 4, 25	,77
Mobilização de Apoio Formal	21, 6, 9, 18	,70
Atitude Passiva	12, 13, 20, 19	,50
Avaliação Passiva	17, 26, 28	,49

3.3.3. FILE- Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças

A percepção do stress e das estratégias de *coping* familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

Sandra Marques (e-mail:sandra.a.i.marques@gmail.com) 2009

de Vida.

O FILE foi originalmente desenvolvido por McCubbin, Patterson e Wilson (1981), tendo igualmente por base o Modelo Duplo de ABCX de McCubbin e Petterson (1982). O FILE destina-se a avaliação de variáveis relacionadas com o *stress* e as tensões na família, relativas a acontecimentos de vida e de mudanças cumulativas, ocorrendo no ciclo vital da família, e que foram experienciados no período de tempo correspondente ao último ano. Também permite avaliar, adicionalmente, alguns acontecimentos prévios ao período de tempo de referência. Tendo em conta que as famílias se deparam com diversas fontes de *stress*, este instrumento proporciona, assim, um índice de vulnerabilidade.

É um inventário de auto-resposta constituído por 71 itens que obedecem a uma escala dicotómica em que “sim” corresponde a 1 ponto e “não” a 0 pontos; a um resultado mais elevado corresponde igualmente um valor mais elevado de *stress* na família.

A versão original comporta nove factores: *tensões intra-familiares*; *tensões conjugais*; *tensões relativas à gravidez e maternidade*; *tensões financeiras*; *tensões e mudanças no trabalho*; *tensões associadas a doença ou cuidados de saúde*; *tensões associadas a doença crónica*; *tensões associadas a dependências*; *perdas*; *movimentos de “entradas e saídas da família” e problema legais*. O FILE permite obter três indicadores: resultado total de Mudanças de Vida Recentes, resultado por Factor e resultado total de Mudanças de Vida Passadas.

A tradução/versão portuguesa do FILE foi elaborada por Vaz Serra e colaboradores (1990) e denomina-se de Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida.

A versão do FILE utilizada na presente investigação é a versão validada para a população portuguesa, igualmente pela equipa de investigação das mestrandas de Sistémica, Saúde e Família do ano lectivo de 2007/2008. O estudo de validação recorreu a amostra de 356 indivíduos, sendo 34,6% do sexo masculino e 65,4% do sexo feminino, com uma média de idade de 43,4 anos (Lopes, 2008). Na análise factorial, apesar de os nove factores revelarem valores de consistência interna melhores do que os dos autores, o inventário demonstrou ter uma estrutura factorial muito frágil, pelo que os seus factores não devem ser utilizados como subescalas. No entanto, o FILE revelou uma boa consistência interna ($\alpha=0,811$), o que favorece a sua aplicabilidade à população em geral.

IV - Resultados

Iniciamos a apresentação dos resultados atendendo à consistência interna das escalas aplicadas.

O Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) mostrou um bom índice de consistência interna em termos globais (.93), contudo, o mesmo não se verificou relativamente aos factores que o compõem. Efectivamente, a maioria das dimensões associou-se a valores baixos de *alfa* de *Cronbach* (“Tensões conjugais”, “Tensões relativas a problemas ou cuidados de saúde”, “Perdas”, “Problemas legais”,

A percepção do *stress* e das estratégias de *coping* familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

“Movimento de «entradas e saídas» na família” e “Tensões relativas à gravidez e maternidade”). De todos os factores, apenas os factores “Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho”, “Tensões intra-familiares” e “Tensões relativas a questões financeiras” mostraram valores bons a razoáveis de *alfa* de *Cronbach*. No entanto e uma vez que se verificou que os reclusos pontuaram significativamente mais a nível do resultado global do FILE (este resultado será explorado mais adiante), optámos por considerar igualmente os factores com baixos valores de *alfa* de *Cronbach* na nossa análise estatística, mas apenas a título de curiosidade. Apesar do estudo de validação para população portuguesa demonstrar que o FILE tem uma estrutura factorial frágil, o que se pretende ao considerar a mesma na análise dos resultados obtidos é exclusivamente explorar os dados recolhidos no presente projecto e não contradizer ao desvalorizar os dados do estudo de validação. De facto os resultados obtidos na análise factorial do FILE são interessantes e não poderíamos deixar de os referir, ainda que apenas a título de curiosidade.

De salientar ainda que devido ao elevado número de *missings*, optámos por eliminar os itens referentes às mudanças familiares ocorridas antes do ano passado.

Tabela 4. Valores de Alfa de Cronbach na escala do FILE

Factores – FILE	N.º Itens	Alfa Cronbach
Tensões Intra-familiares	17	.76
Tensões conjugais	4	.66
Tensões relativas à gravidez e maternidade	4	.16
Tensões relativas a questões financeiras	12	.80
Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho	10	.73
Tensões relativas a problemas ou cuidados de saúde	8	.63
Perdas	6	.63
Movimento de “Entrada e Saídas” na família	5	.41
Problemas legais	5	.67
Escala Total	71	.93

A escala F-COPES demonstrou igualmente um bom nível de consistência interna em termos globais (.88). A maioria dos factores revelou valores bons ou razoáveis (“Procura de apoio social - Relações de vizinhança”, “Mobilização de apoio formal”, “Reenquadramento” e “Procura de apoio espiritual”), com a excepção de “Procura de apoio social - Relações íntimas”, “Aceitação passiva” e “Avaliação passiva”, onde se verificou uma menor congruência entre as pontuações nos itens que os compõem (consultar Tabela 5).

Feitas estas considerações, os resultados das escalas aplicadas foram comparados entre os dois grupos em análise. A este nível, optou-se pelo teste *U* de *Mann-Whitney* na medida em que as distribuições não asseguraram simultaneamente a normalidade (Teste de *Shapiro-Wilk*, $p < .05$) e a homogeneidade das variâncias (Teste de *Levene* $< .05$). Tal como se pode verificar pela análise da Tabela 6, os elementos da amostra de estudo

mostraram pontuações médias estatisticamente superiores à amostra de comparação em todas as dimensões avaliadas pelo FILE ($p < .05$). Os dados indicam assim que, entre os sujeitos inseridos no estudo, os reclusos são os que percebem maiores tensões familiares nas diferentes dimensões avaliadas pelo FILE.

Tabela 5. Valores de *alfa* de Cronbach na escala F-COPES

Factores – F-COPES	N.º Itens	Alfa Cronbach
Reenquadramento	7	.74
Procura de apoio espiritual	4	.79
Procura de apoio social - Relações de vizinhança	3	.83
Procura de apoio social - Relações íntimas	6	.63
Mobilização de apoio formal	3	.80
Aceitação passiva	3	.32
Avaliação passiva	3	.58
Escala total	30	.88

Tabela 6. Pontuações na escala FILE em função da amostra de participantes

Factores – FILE	Amostra	N	Média	Desvio padrão	U	P
Tensões intra-familiares	Amostra de estudo	23	0.70	1.02	188.	.00
	Amostra de comparação	29	0.00	0.00	500	0
Tensões conjugais	Amostra de estudo	23	3.22	2.86	168.	.00
	Amostra de comparação	29	1.14	1.30	00	0
Tensões relativas à gravidez e maternidade	Amostra de estudo	23	0.48	0.67	234.	.00
	Amostra de comparação	29	0.10	0.31	50	2
Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho	Amostra de estudo	23	3.00	2.68	225.	.01
	Amostra de comparação	29	1.48	1.45	00	3
Tensões relativas a questões financeiras	Amostra de estudo	23	3.57	3.38	219.	.04
	Amostra de comparação	29	1.34	1.11	50	1
Tensões relativas a problemas ou cuidados de saúde	Amostra de estudo	23	1.39	1.59	199.	.03
	Amostra de comparação	29	0.38	0.73	50	1
Perdas	Amostra de estudo	23	1.30	1.40	175.	.00
					50	5

A percepção do stress e das estratégias de coping familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

Sandra Marques (e-mail:sandra.a.i.marques@gmail.com) 2009

	Amostra de comparação	29	0.21	0.41		
Movimento de “Entrada e Saídas” na família	Amostra de estudo	23	1.26	1.14	164. 00	.00 1
	Amostra de comparação	29	0.31	0.54		
Problemas legais	Amostra de estudo	23	1.30	1.15	116. 00	.00 0
	Amostra de comparação	29	0.00	0.00		
Escala Total	Amostra de estudo	23	16.30	11.23	98.5 0	.00 0
	Amostra de comparação	29	5.07	3.79		

A repetição do estudo comparativo para os resultados na escala F-COPES teve como base o teste *t* de *Student*, quando os pressupostos para a sua aplicação eram assegurados pelos dados e o teste *U* de *Mann-Whitney*, no caso contrário. Neste âmbito apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em “Procura de Apoio espiritual” [$t_{(50)} = 3.81$, $p < .01$], onde os reclusos pontuam significativamente mais ($M = 14.48$) que o grupo de comparação ($M = 11.03$). De notar ainda que a diferença entre as amostras em “Avaliação passiva” caminha para a significância [$t_{(50)} = 1.96$, $p = .06$], sendo novamente a amostra de estudo a associar-se a pontuações mais elevadas (consultar Tabela 7).

A fim de compreender as implicações das possíveis variáveis mediadoras nas dimensões avaliadas pelas escalas FILE e F-COPES, as amostras foram atendidas em separado. Mediante a disponibilidade dos dados foram aplicadas técnicas paramétricas e não paramétricas para estudos de comparação entre grupos e de associações entre variáveis. As variáveis mediadoras dividem-se em variáveis sócio-demográficas e familiares, comportando, respectivamente, a idade, habilitações literárias, nível socioeconómico, estado civil, residência e, a nível familiar, a etapa do ciclo vital, o número de filhos a residir no agregado, forma de família, tamanho do agregado e composição do mesmo. Contudo, apenas os resultados estatisticamente relevantes serão apresentados, devido à extensão da análise.

Ao nível da amostra de reclusos, as variáveis sócio-demográficas, habilitações literárias⁴, nível socioeconómico e local de residência mostraram impacto nas pontuações no FILE e no F-COPES. De facto, o nível de habilitações literárias distinguiu as pontuações dos participantes com o primeiro ciclo dos participantes com o segundo ciclo ($U = 12.00$, $p < .05$) e com terceiro ciclo do Ensino Básico ($U = 6.00$, $p < .05$), ao nível da dimensão Procura de apoio social - Relações de vizinhança ($\chi^2 = 7.993$, $p < .05$) da escala F-COPES. Neste factor, são os elementos com habilitações

⁴ Para este estudo ignorou-se o sujeito com habilitações superiores por ser o único participante no seu grupo.

mais baixas que parecem recorrer com mais frequência às relações de vizinhança enquanto estratégia de *coping* familiar.

Tabela 7. Pontuações na escala F-COPES em função da amostra de participantes

Factores – F-COPES	Amostra	N	Médi a	Desvi o padrã o	Teste	P
Reenquadramento	Amostra de estudo	2	24.4	4.65	-1.22	.23
		3	3			0
	Amostra de comparação	2	25.8	3.66		
		9	4			
Procura de apoio espiritual	Amostra de estudo	2	14.4	3.46	3.81	.00
		3	8			0
	Amostra de comparação	2	11.0	3.06		
		9	3			
Procura de apoio social - Relações de vizinhança	Amostra de estudo	2	7.09	3.40	281.0	.32
		3			0*	5
	Amostra de comparação	2	6.17	2.96		
		9				
Procura de apoio social - Relações íntimas	Amostra de estudo	2	21.4	7.34	292.0	.44
		3	1		0*	3
	Amostra de comparação	2	19.8	3.95		
		9	3			
Mobilização de apoio formal	Amostra de estudo	2	9.26	3.76	1.09	.28
		3				6
	Amostra de comparação	2	8.31	2.59		
		9				
Aceitação passiva	Amostra de estudo	2	1.36	2.69	.19	.85
		3				1
	Amostra de comparação	2	1.24	1.86		
		9				
Avaliação passiva	Amostra de estudo	2	9.13	2.58	1.96	.05
		3				6
	Amostra de comparação	2	7.76	2.46		
		9				
Escala total	Amostra de estudo	2	94.7	19.24	1.37	.17
		3	9			6
	Amostra de comparação	2	88.6	12.99		
		9	3			

*Teste *U* de Mann-Whitney, restantes comparações com teste *t* de Student

Por outro lado, os reclusos de nível socioeconómico baixo tendem a pontuar de forma estatisticamente superior em “Avaliação passiva” da escala F-COPES [$t_{(21)} = 2.138$, $p < .05$] e em “Problemas legais” do FILE ($U = 23.50$, $p < .05$), relativamente aos participantes de nível médio, tal como é indicado na Tabela 8. A percepção do recurso à avaliação passiva e das

A percepção do stress e das estratégias de coping familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

Sandra Marques (e-mail:sandra.a.i.marques@gmail.com) 2009

tensões inerentes a problemas legais parecem assim ser mais evidentes entre reclusos em situações sociais menos vantajosas.

Por fim, o local de residência mostrou-se relevante para o factor “Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho” da escala FILE ($U = 10.50$, $p < .05$), em que os elementos de locais predominantemente urbanos pontuam de forma estatisticamente superior do que os elementos residentes em locais predominantemente rurais.

Tabela 8. Diferenças significativas referentes às variáveis sócio-demográficas na amostra de estudo (Teste *Mann-Whitney* na análise da variável local de residência, habilitações literárias, nível socioeconómico no factor “Problemas legais” do FILE e Teste *t* de *Student* na análise do nível socioeconómico no factor “Avaliação passiva” do F-COPES).

Escala	Factor	Variável	Média	Desvio padrão	Teste	P
F-COPES	Procura de apoio social	Habilitações			7.99	.018
	-Relações de vizinhança	Literárias	9.27	3.13		
		EB 1.º ciclo	5.43	2.30		
		EB 2.º ciclo	5.00	2.45		
		EB 3.º ciclo				
Avaliação passiva	Nível socioeconómico	9.76	2.14	2.14	.044	
		Baixo	7.33	3.08		
		Médio				
FILE	Problemas legais	Nível socioeconómico	1.59	1.12	23.50	.040
		Baixo	.50	.84		
		Médio				
	Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho	Local de residência			10.50	.034
		Predominantemente rural	.75	.96		
Predominantemente urbano		3.41	2.48			

Em contrapartida, das variáveis sócio-demográficas consideradas apenas o local de residência se mostrou com implicações nas pontuações dos participantes da amostra de comparação. As pontuações em “Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho” ($\chi^2 = 7.00$, $p < .05$) são significativamente mais baixas entre os sujeitos residentes em locais medianamente urbanos, relativamente a participantes de locais predominantemente rurais ($U = 40.50$, $p < .05$) ou urbanos ($U = 9.00$, $p < .05$) (consultar Tabela 9).

De igual forma, as variáveis familiares mostraram-se pertinentes em alguns níveis de análise.

Na amostra de estudo a etapa do ciclo vital, o número de filhos e o tamanho do agregado familiar verificaram-se relevantes. Mais especificamente, a etapa do ciclo vital permitiu a distinção dos reclusos ao

nível das pontuações em “Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho” ($\chi^2 = 10.28$, $p < .05$).

Tabela 9. Diferenças significativas referentes a variáveis sócio-demográficas na amostra de comparação

Escola	Factor	Variável	Média	Desvio padrão	U	P
FILE	Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho	Local de residência			7.00	.030
		Predominantemente rural	2.50	1.33		
		Mediamente urbano	.93	1.44		
		Predominantemente urbano	1.82	1.29		

Estudando os diferentes níveis em pormenor foi possível observar que os elementos na fase “Casal com filhos adolescentes” mostram pontuações mais elevadas do que os participantes situados na etapa “Casal sem filhos” ($U = .500$, $p = .05$) e do que nos que preenchem a etapa “Casal com filhos pequenos” ($U = .000$, $p < .05$), conforme a Tabela 10 indica. Ao mesmo tempo, casais com filhos de idade escolar mostram pontuações significativamente mais elevadas do que casais com filhos pequenos ($U = .500$, $p < .05$). No mesmo sentido, os elementos com filhos de idade escolar pontuaram de forma superior do que os participantes na etapa “Casal sem filhos” ($U = .000$, $p < .05$) e na etapa “Casal com filhos pequenos” ($U = .000$, $p < .05$) ao nível do resultado global do FILE ($\chi^2 = 9.509$, $p = .05$).

Por outro lado, para estes participantes (amostra de estudo), o número de filhos a residir no agregado associa-se de forma positiva e moderada com “Tensões intra-familiares” ($r_s = .50$, $p < .05$), “Tensões relativas a questões financeiras” ($r_s = .55$, $p < .01$), o resultado global da escala FILE ($r_s = .55$, $p < .05$) e “Procura de apoio social - Relações de vizinhança” ($r_s = .50$, $p < .05$) da escala F-COPES. Os dados parecem indicar que à medida que o número de filhos a residir no agregado aumenta, a percepção das tensões familiares e financeiras também aumenta, tal como o recurso às relações de vizinhança. O tamanho do agregado familiar também se figurou como um factor agonizante das tensões familiares neste grupo, especificamente em “Tensões relativas à gravidez e maternidade” ($r = .54$, $p < .05$) e “Perdas” ($r = .48$, $p < .05$). Os agregados maiores tendem a sentir maiores níveis de *stress* familiares nas dimensões especificadas relativamente a agregados tendencialmente mais pequenos (consultar Tabela 11).

Na amostra de comparação a composição do agregado familiar distinguiu os participantes, ao nível das pontuações no factor “Tensões relativas à gravidez e maternidade” ($\chi^2 = 10.30$, $p < .01$). Ao estudar as diferenças entre os diferentes níveis da variável verificou-se que elementos de agregados constituídas por Pai(s) e Filho(s) têm pontuações significativamente mais baixas do que sujeitos de agregados constituídos apenas pelo casal ($U = 11.00$, $p < .01$) ou por “Pai(s), filho(s) e avó(s)” ($U = 33.00$, $p < .01$) (consultar Tabela 12). Por fim, o número de filhos a residir no agregado correlacionou-se significativamente e de forma positiva com as

pontuações em “Tensões intra-familiares” ($r_s = .40$, $p < .05$) do FILE. Detectou-se assim uma ligeira tendência do aumento da percepção das tensões intra-familiares à medida que o número de filhos aumenta (consultar Tabela 13).

Tabela 10. Diferenças significativas referentes às variáveis familiares na amostra de estudo

Escala	Factor	Variável familiar	Média	Desvio padrão	Teste	P			
FILE	Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho	Etapa do ciclo vital			2.16	.042			
		Casal sem filhos ^a	2.00	1.00					
		Casal com filhos pequenos ^{b,c}	.67	1.15					
			4.40	1.82					
		Casal com filhos de idade escolar ^c	6.50	2.65					
			2.00	2.65					
		Casal com filhos adolescentes ^{a,b}							
		Família lançadora							
		Escala total	Etapa do ciclo vital					10.28	.036
			Casal sem filhos ^e	7.33			3.21		
	Casal com filhos pequenos ^f	6.33	5.69						
		24.00	10.61						
	Casal com filhos de idade escolar ^{e,f}	26.50	11.36						
		13.67	10.02						
	Casal com filhos adolescentes								
	Família lançadora								

NOTA: a,b,c,d,e,f, $p < .05$

Tabela 11. Correlações significativas referentes a variáveis familiares na amostra de estudo

Escala	Factor	Variável familiar	Coefficiente de correlação	% da variabilidade partilhada
FILE	Tensões intra-familiares	Número de filhos a residir no agregado	.50	25%
		Tensões relativas a questões financeiras	.53	28%
		Escala total	.55	30%
		Tensões relativas à gravidez e maternidade	.54	29%
		Perdas	.48	23%
F-Copes	Procura de apoio social -Relações de vizinhança	Número de filhos a residir no agregado	.50	25%

NOTA: As associações com a variável Número de filhos foram estudadas através do coeficiente de

A percepção do stress e das estratégias de coping familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

Sandra Marques (e-mail:sandra.a.i.marques@gmail.com) 2009

Spearman (r_s), sendo as restantes analisadas através do coeficiente de Pearson (r).

Tabela 12. Diferenças significativas referentes a variáveis familiares na amostra de comparação

Escala	Factor	Variável familiar	Média	Desvio padrão	Teste	P
FILE	Tensões relativas à	Composição Casal ^a	.40	.55	10.30	.006
	gravidez e	Pai(s)+filho(s) ^{a, b}	.00	.00		
	maternidade	Pai(s)+filho(s)+avó(s) ^b	.50	.71		

Nota: a e b diferença significativa, $p < .05$

Tabela 13. Correlações significativas referentes às variáveis familiares na amostra de comparação

Escala	Factor	Variável familiar	Coeficiente de correlação	% da variabilidade partilhada
FILE	Tensões intra-familiares	Número de filhos a residir no agregado	.40	16%

Nota: As associações com a variável Número de filhos foram estudadas através do coeficiente de Spearman (r_s).

V - Discussão

Antes de iniciarmos a reflexão acerca dos resultados obtidos, alertamos para o facto de os mesmos deverem ser interpretados e abordados com cuidado e sensatez. Tendo em conta o carácter exploratório do presente estudo e o número reduzido e características da nossa amostra, esta não é representativa da totalidade da população prisional portuguesa e, como tal, generalizações devem ser realizadas com especial prudência. Não obstante da não representatividade da nossa amostra, este projecto poderá proporcionar-nos informações pertinentes e interessantes no que concerne à percepção do *stress* e do *coping* familiares.

Iniciaremos a nossa reflexão com os dados adquiridos nas variáveis dependentes focadas no estudo, a percepção do *stress* e o *coping* familiar. Os resultados obtidos pelo FILE indicam diferenças estatisticamente significativas entre as amostras de estudo e de comparação, sendo que os reclusos apresentam pontuações mais elevadas. Deste modo, pode-se afirmar que os reclusos da nossa amostra percebem um maior índice de *stress* familiar do que a população geral. Estes resultados encontram-se em consonância com a literatura que conceptualiza a reclusão como um evento disruptivo e com múltiplas implicações económicas, emocionais e sociais na esfera familiar (Arditti, Lambert-Shute, & Joest, 2003; Christian, Thomas & Mellow, 2006; Travis, 2005; Myres, Smarsh, Amulund-Hagen, & Kennon, 1999; Daniel & Barrett, 1981; Freudenberg, Daniels, Crum, Perkins, & Richie, 2005; Carlson & Cervera, 1991; Martinez & Christian, 2008; Murray & Farrington, 2008). Os resultados obtidos demonstraram igualmente que os reclusos pontuam significativamente mais em todos os factores do FILE

A percepção do *stress* e das estratégias de *coping* familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

Sandra Marques (e-mail:sandra.a.i.marques@gmail.com) 2009

(“Tensões intra-familiares”, “Tensões conjugais”, “Tensões relativas à gravidez e maternidade”, “Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho”, “Tensões relativas a questões financeiras”, “Tensões relativas a problemas e cuidados de saúde”, “Perdas”, “Movimentos de entradas e saídas na família” e “Problemas legais”). Relativamente à análise por factores, sublinhamos a ressalva realizada na descrição dos resultados. Apesar de apenas os factores “Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho”, “Tensões relativas a questões financeiras” e “Tensões intra-familiares” revelarem bons a razoáveis valores de *alfa* de *Cronbach*, optámos por considerar a análise por factores somente a título de curiosidade. Embora respeitando o estudo de validação do FILE para a população portuguesa, cujos resultados obtidos revelam uma estrutura factorial frágil, não deixa de ser interessante que os reclusos pontuem significativamente mais em todos os factores do mesmo, pelo que impulsionados pela curiosidade dos resultados recolhidos, iremos explorar um pouco mais esta informação, ainda que conscientes da sua validade estatística. Os dados obtidos, tanto a nível do resultado global da escala como da análise de factores, sugerem que os reclusos percebem um maior índice de *stress* aos vários níveis da vivência familiar, nomeadamente, a nível financeiro, profissional e relacionamento intra-familiar. Nesta mesma linha de ideias, os autores supracitados fazem referência a um conjunto de implicações e tensões provenientes da reclusão: declínio do nível financeiro associado à possibilidade de a reclusão implicar a perda do salário do elemento encarcerado, perda de um apoio relativamente aos filhos, probabilidade das esposas abandonarem o seu emprego e o despontar de novos encargos financeiros, como por exemplo, as despesas associadas às deslocações à prisão (Arditti, Lambert-Shute & Joest, 2003); aumento das tensões no relacionamento intra-familiar devido a sobrecarga da companheira que, na ausência do recluso, passa a exercer uma função de educador único (Carlson & Cervera, 1991). A respeito deste último aspecto, Carlson e Cervera (1991) referem que a adaptação das crianças à reclusão é largamente influenciada pela qualidade do *coping* da companheira e pela sua capacidade em se adaptar e gerir na ausência do cônjuge.

Estritamente associado ao constructo anterior, em seguida, passaremos a reflectir acerca das estratégias que os reclusos percebem que os seus familiares recorrem para lidar com o *stress*. Os resultados obtidos no F-COPES não apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas entre ambas as amostras, excepto no factor “Procura de apoio espiritual”, no qual os reclusos pontuam significativamente mais. Apesar de os dados revelarem que os reclusos percebem um maior índice de vulnerabilidade das famílias ao *stress*, poder-se-á afirmar que a percepção das estratégias de *coping* às quais as famílias dos reclusos recorrem face a essas mesmas situações indutoras de *stress* não diferem da população geral. Estes dados são consistentes com o estudo realizado por Carlson e Cervera (1991), no qual se observou que a percepção da capacidade de os reclusos e suas esposas liderem e se adaptarem a eventos *stressantes*, embora com algumas especificidades, coincide com a população geral. De facto, os

autores verificaram que a percepção das estratégias de *coping* dos reclusos e das suas esposas não apresentam diferenças estatisticamente significativas dos resultados obtidos nas amostras de McCubbin e colaboradores (1981, in Carlson & Cervera, 1991). Contudo, os resultados obtidos com o F-COPES, quando completados com as entrevistas aos inquiridos, sugerem que, embora os reclusos e as esposas possuam um repertório de estratégias de *coping* ajustadas, poderiam usufruir de um maior apoio se assim o requeressem, revelando, deste modo, algumas dificuldades em partilhar os seus problemas com indivíduos que lhes são significativos e em beneficiar do suporte prestado pela religião. Estes dados diferem dos resultados obtidos na amostra de reclusos da presente investigação. Aliás, para além de não haver indícios que as famílias dos reclusos experienciam dificuldades em activar a sua rede de suporte social, estes pontuaram significativamente mais no que diz respeito à procura do suporte religioso. Parece-nos que os reclusos e suas famílias atribuem um papel importante à religião e percebem a mesma como uma estratégia de *coping* familiar relevante no que toca a situações indutoras de *stress*. Neste sentido, salienta-se que 87% dos reclusos referiram pertencer a uma religião, nomeadamente a católica, enquanto que os 13% restantes ($n=3$) não responderam à questão. Ainda neste ponto, não deixa de ser curioso a discrepância entre a amostra de referência e a amostra de comparação no que concerne à religião. Enquanto que 87% dos reclusos afirmou ser católico, a percentagem de católicos na amostra de referência é apenas de 62.1%, o que pode ajudar a explicar o facto de os reclusos perceberem o apoio espiritual como uma estratégia de *coping* familiar mais importante comparativamente à percepção da amostra de referência.

Ressalta-se ainda que os dados obtidos com o F-COPES indicam que as diferenças entre as amostras no factor “Avaliação passiva” caminha para a significância, com a amostra de estudo a associar-se a pontuações mais elevadas. Parece-nos que os reclusos demonstram uma propensão a atribuir à sorte um papel relevante na resolução dos problemas bem como uma atitude conformista face aos mesmos. Nesta linha de ideias, salienta-se que os itens constituintes deste factor (“Sabemos que a sorte tem um papel importante na resolução dos nossos problemas”, “Sentimos que apesar de tudo o que possamos fazer teremos dificuldade em lidar com os problemas” e “Acreditamos que se deixarmos passar o tempo o problema desaparecerá”) remetem-nos para uma ausência de sentido de controlo sobre o problema, uma atitude pessimista e descrente com factores de “ordem superior”, como a sorte, a desempenharem um papel central na resolução do problema e legitimando a resignação do sistema familiar (Martins, 2008). Tais dados parecem consistentes com o estudo de Carlson e Cervera (1991), quando estes referem que os reclusos pontuam alto no que diz respeito a aceitarem a reclusão como algo que faz parte das suas vidas. Contudo, não deixa de ser curioso que, apesar de a nossa amostra de estudo revelar pontuações elevadas no factor “Avaliação passiva”, o mesmo não se verifica no factor “Atitude passiva”, o que sugere que, embora avaliem de modo passivo as dificuldades, as estratégias de *coping* familiares a que recorrem não evidenciam uma aceitação e diminuta reactividade.

Ressalva-se que o estudo de Carlson e Cervera (1991) e a presente investigação abrangem amostras culturalmente distintas, respectivamente americana e portuguesa, e as observações dos autores provém, não somente dos resultados do F-COPES, mas também de entrevistas realizadas junto dos reclusos.

Ainda relativamente aos resultados obtidos no F-COPES, enquanto alguma literatura (Daniel & Barrett, 1981; Braman, 2003, in Lopoo & Western, 2005; Schoenbauer, 1986, in Arditti, Lambert-Shute, & Joest, 2003) menciona que o estigma social associado à reclusão pode funcionar como um obstáculo à activação da rede de suporte social e a mobilização do apoio dos familiares e amigos, os factores “Aquisição de apoio social - relações de vizinhança”, “Aquisição de apoio social - relações íntimas” e “Mobilização de apoio formal” não registaram diferenças estatisticamente significativas entre a amostra de estudo e de comparação, o que poderá significar que as famílias e os reclusos não experienciam dificuldades em activar a sua rede social de suporte.

Além desta variáveis dependentes, tentámos igualmente perceber a influência de possíveis variáveis mediadoras. A nível das variáveis sócio-demográficas, verificaram-se diferenças estaticamente significativas quanto às habilitações literárias, nível socioeconómico e local de residência. Verificou-se que os resultados no factor “Procura de apoio social-Relações de vizinhança” do F-COPES divergiam consoante as habitações literárias dos reclusos, sugerindo que as famílias dos reclusos com uma escolaridade mais baixa recorrem ao apoio prestado pelos vizinhos com mais frequência do que os reclusos com habilitações literárias mais elevadas. Reflectindo acerca desta diferença, uma possível ideia seria que as famílias de reclusos com baixas habitações literárias experienciam maiores dificuldades em recorrer a serviços de apoio formais, como a segurança social, socorrendo-se, assim, mais do apoio dos vizinhos para fazer face às suas dificuldades. Contudo, a sua pontuação do F-COPES relativamente ao factor “Mobilização do apoio formal” não denuncia esta diferença, o que torna esta ideia inviável.

Relativamente ao nível socioeconómico, observou-se que os reclusos com um estatuto socioeconómico baixo pontuam significativamente mais no factor “Avaliação passiva” do F-COPES e no factor “Problemas legais” do FILE em detrimento dos reclusos com um nível socioeconómico médio. Parece-nos que o facto de os reclusos pertencerem a um nível socioeconómico baixo e, conseqüentemente, disporem de menos recursos financeiros, pode exacerbar as suas dificuldades e a percepção de que dispõem de menos recursos, contribuindo para que manifestem uma atitude mais pessimista e percepcionem uma ausência de controlo sobre os seus problemas. Tais privações económicas parecem associar-se a pontuações mais elevadas no que diz respeito ao factor “Problemas legais” do FILE, dados estes que se revelam consistentes com a literatura, que parece estabelecer uma ligação entre a pobreza e criminalidade, verificando-se igualmente que a maioria dos reclusos é proveniente de um meio desfavorecido (Mazza, 2002). Nesta mesma linha de ideias, Watts e Nightengale (1996, in Arditti, Lambert-Shute, & Joest, 2003) referem que a

reclusão pode ser interpretada como uma consequência de uma condição socioeconómica desfavorável ou como uma agravante da mesma, embora ainda poucos estudos se foquem nesta correlação.

Os dados obtidos revelaram ainda, a nível da percepção do *stress* familiar, que a área de residência influencia a pontuação dos reclusos no factor “Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho”, sendo que os inquiridos residentes em áreas predominantemente urbana pontuaram mais neste factor do que os residentes em áreas predominantemente rurais. Estes dados sugerem que as tensões relativas ao trabalho (mudanças de trabalho/escola ou insatisfação profissional) se associam com mais frequência às áreas predominantemente urbanas, o que parece consistente com uma maior oferta e instabilidade ao nível do emprego nas áreas urbanas.

No que diz respeito à influência de possíveis variáveis mediadoras familiares na percepção do *stress* e *coping* familiares, verificou-se que a etapa do ciclo vital da família, o número de filhos a residir no agregado e o tamanho do mesmo, interferem na percepção dos reclusos nos constructos avaliados no estudo. Relativamente à etapa do ciclo vital, verificou-se que os reclusos com filhos em idade escolar apresentam pontuações mais elevadas no resultado global do FILE, comparativamente aos reclusos nas etapas “casal sem filhos” e “casal com filhos pequenos”. Estes dados parecem indicar que os reclusos com filhos em idade escolar percebem um maior índice de *stress* familiar relativamente aos inquiridos que se encontram nas etapas “casal sem filhos” e “casal com filhos pequenos”. Parece-nos que a etapa dos “filhos em idade escolar” ao constituir-se como o primeiro grande teste da família ao cumprimento da função externa, nomeadamente, ao nível da socialização e adaptação da criança à escola, e através dela, da função interna (Alarcão, 2006), pode exacerbar as tensões sentidas pela família com a reclusão do progenitor.

Ainda a nível da etapa do ciclo vital da família, observou-se que os reclusos na etapa “família com filhos adolescentes” pontuam mais nas “Tensões/mudanças familiares devido ao trabalho” comparativamente aos reclusos nas etapas “casal sem filhos” e “casal com filhos pequenos”. Uma possível explicação é de que as tensões associadas a esta etapa de autonomização e socialização da família, especialmente do adolescente, transparecessem na vida profissional dos elementos da família.

Relativamente ao número de filhos a residir no agregado familiar, os resultados obtidos indicam que o número de filhos se associa de forma positiva e moderada com as “Tensões intra-familiares”, “Tensões relativas a questões financeiras”, com o resultado global do FILE e como factor “Procura de apoio social nas relações de vizinhança”. Estes dados sugerem que à medida que o número de filhos a residir no agregado aumenta, a percepção de um maior índice de *stressores* na familiares aumenta igualmente, com especial destaque nas tensões intra-familiares e tensões financeiras, aumentando igualmente a procura de apoio junto aos vizinhos. Neste sentido, é possível que com o aumento do número de filhos a residirem no agregado, cresçam igualmente os encargos financeiros, potenciando que os reclusos com um maior número de filhos percebam

um maior nível de *stress* relativamente a este aspecto. Tendo em conta que a amostra é maioritariamente constituída por reclusos pertencentes a um estrato socioeconómico baixo, esta situação pode ser particularmente crítica e geradora de tensões no relacionamento intra-familiar, uma vez que é necessário os vários elementos da família gerirem os seus recursos económicos e estabelecer prioridades a este nível. Uma maior procura de apoio nas relações de vizinhança pode ser conceptualizada como uma estratégia de *coping* utilizada pelas famílias que apresentam um maior número de filhos a residir no agregado para lidar com estas tensões intra-familiares e financeiras. O apoio dos vizinhos pode-se traduzir, para estas famílias com uma fonte de suporte emocional, financeiro ou como uma ajuda para cuidar dos filhos (*baby-sitting*). Face aos constrangimentos económicos, as famílias podem encarar o apoio dos vizinhos com mais acessível e menos dispendioso.

O tamanho do agregado familiar influenciou igualmente os resultados nos factores “Tensões relativas à gravidez e maternidade” e “Perdas” do FILE, com os reclusos com um agregado mais numeroso a registarem pontuações mais elevadas nestes factores. Embora estes dados não tenham uma validade estatística, pois ambos os factores apresentam valores baixos de *alfa* de *Cronbach*, não deixa de ser interessante analisar esta informação. Os dados sugerem que os reclusos com um agregado mais numeroso percebem maiores níveis de *stress* familiar relativamente aos factores relacionados com gravidez/maternidade e com as perdas. Uma possível explicação, e analisando os itens que compõem estes factores, seria que os reclusos com um agregado mais numeroso experienciam com mais frequência gestações indesejadas. Tendo em conta ainda que estas famílias tem poucos recursos económicos, a pontuação mais elevada no factor “Perdas” poderia ser explicada pela falta de meios para assegurar os cuidados de saúde ou de alimentação adequados.

- **Limitações do estudo e propostas para futuras investigações**

Ao longo deste processo de investigação e de análise dos dados, fomos deparando com algumas limitações e lacunas que, apesar da sua existência, não retiram o potencial valor e interesse dos dados obtidos para futuras investigações e possíveis linhas de intervenção.

Neste sentido, começaríamos por referir o número reduzido da nossa amostra de reclusos. Temos plena consciência que uma amostra de 23 indivíduos num universo de cerca de 14239 (Provedor da Justiça, 1999), não é ilustrativa desta mesma população, pelo que aconselhamos, uma vez mais, especial prudência no que toca às generalizações. Uma amostra maior permitiria uma percepção e compreensão mais abrangente dos constructos avaliados neste estudo.

Uma outra lacuna diz respeito ao protocolo utilizado nesta investigação. Atendendo a algumas características da população reclusa, o FILE, pela sua extensão e número elevado de itens, revelou-se particularmente exigente para os reclusos, o que transpareceu no elevado número de *missings*. Instrumentos de avaliação e protocolos muito extensos

ou exigentes a nível da compreensão, dado ser uma população geralmente com baixas habilitações literárias, não são recomendáveis. De salientar que este protocolo é constituído por questionários de auto-resposta e, como tal, os resultados estão sujeitos aos enviesamentos daí decorrentes, sendo que estas desvantagens se tornam mais alarmantes no caso da população reclusa que atende a características particulares e se encontra num meio muito peculiar, especialmente propício à simulação e as respostas socialmente desejáveis.

Ainda a nível do protocolo, sentimos uma grande necessidade de obter informações adicionais que não foram abrangidas pelo questionário sócio-demográfico utilizado. Informações relativas à frequência com que os reclusos recebem vistas da família, há quanto tempo se encontram encarcerados ou a qualidade do relacionamento reclusos/família antes da reclusão, poderiam ter-nos proporcionado uma análise dos resultados mais rica. Consideramos que seria interessante verificar qual o impacto destas variáveis na percepção do *stress* e *coping* familiares dos reclusos.

Consideramos igualmente importante referir o facto de as amostras de referência e de estudo apenas apresentarem uma equivalência em género. Se, por um lado, dadas as especificidades da população reclusa, seria difícil encontrar uma correspondência entre ambas as amostras a nível socioeconómico ou das habilitações literárias, por outro lado, esta mesma dificuldade não se faz sentir relativamente à idade. O facto de as nossas amostras não serem equivalentes na idade constitui-se como uma limitação, sendo que uma maior equivalência entre as amostras permitiria um maior rigor na análise e discussão dos dados.

Por último, não deixaremos de mencionar que, apesar das críticas tecidas em torno da escassez dos estudos realizados junto das famílias, também nós nos focámos no recluso e na sua percepção dos constructos avaliados. À semelhança do estudo realizado por Carlson e Cervera (1991), que, para além da visão dos reclusos, privilegiaram igualmente a percepção das esposas, consideramos que este estudo seria largamente enriquecido se englobasse também a percepção de alguns familiares ou das esposas/companheiras. Para possíveis futuras investigações, propomos que a percepção dos familiares seja igualmente abordada e estudada, embora estejamos conscientes da dificuldade desta tarefa devido aos trabalhos burocráticos que a mesma acarreta e das especificidades desta população.

VI - Conclusões

Apesar de os reclusos se constituírem como um população amplamente estudada e investigada, os estudos acerca de como as suas famílias se adaptam e vivenciam esta mesma reclusão, são ainda escassos. Contudo, foi-nos possível compreender pela revisão da bibliografia que estas famílias encontram-se vulneráveis a uma grande conjunto de tensões e *stressores*. A este nível destacam-se as tensões resultantes do declínio financeiro; da ruptura ou deterioração da relação conjugal e da relação pais/filhos; do estigma social; das alterações na estrutura e funcionalidade da família e a sobrecarga do educador único; da manutenção dos laços com o

A percepção do *stress* e das estratégias de *coping* familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

recluso e das deslocações à prisão.

Relativamente ao *coping* familiar, o estudo de Carlson e Cervera (1991) com uma amostra de reclusos e suas esposas, utilizando o F-COPES para avaliar a percepção dos mesmos das estratégias de *coping* familiares, revelou que as estratégias de *coping* dos reclusos não diferem dos dados obtidos pelas amostras de McCubin (1981). Contudo, apesar de a pontuação obtida no F-COPES e a informação recolhida na entrevista revelarem que os reclusos estão receptivos ao suporte concedido por outras pessoas que lhe sejam significativas, como por exemplo, vizinhos, família alargada e amigos, poderiam receber mais assistência se a requeressem, sendo que, estes demonstram dificuldades em solicitar o apoio de terceiros, partilhar os seus problemas ou recorrer ao suporte proporcionado pela religião. Outras estratégias de *coping* familiares empregues na gestão da tensão que advém da reclusão, prendem-se com a redefinição e avaliação dos acontecimentos *stressantes* e na aceitação dos mesmos como parte integrante da vida. Dados sugerem que, tanto as esposas como os reclusos pontuam bem nestes aspectos, revelando-se bastante competentes nestas áreas.

Os dados alcançados no nosso estudo empírico sugerem que a reclusão é uma fonte de *stress* para a família, uma vez que os reclusos pontuaram significativamente mais no FILE comparativamente à amostra de controlo. Contudo, apesar de percepcionarem um maior índice de *stress* familiar, os dados revelaram que as estratégias de *coping* às quais as famílias recorrerem para lidar com estas mesmas situações indutoras de *stress*, não diferem da população geral, à excepção da procura de apoio espiritual, factor no qual os reclusos apresentam pontuações mais elevadas. Relativamente à análise das possíveis variáveis mediadoras, foi possível verificar que variáveis como as habilitações literárias, o nível socioeconómico, o local de residência, a etapa do ciclo vital da família, o número de filhos a residir no agregado familiar e o tamanho do mesmo, influenciam a percepção do *stress* e do *coping* familiares dos reclusos. Como já sublinhámos, estes resultados não permitem generalizações, contudo, são de interesse para um maior conhecimento desta população.

Por último, parece-nos importante incentivar as investigações nesta área com um objectivo primordial em mente, nomeadamente, o de conferir um sentido prático a futuras investigações a realizar neste campo. Estando conscientes dos factores de risco associados às famílias dos reclusos, o objectivo passará pela prestação de um apoio mais eficaz, quer ao nível da intervenção, como ao nível da prevenção.

Bibliografia

Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios familiares. Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.

Barrett, C., & Daniel, S. (1981). The needs of prisoners' wives: A challenge for the mental health professions. *Community Mental Health*

A percepção do stress e das estratégias de coping familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

Sandra Marques (e-mail:sandra.a.i.marques@gmail.com) 2009

Journal, 7, 310-322.

Boss, P. (2002). *Family stress management: A contextual approach*. London: Sage.

Carlson, B., & Cervera, N. (1991). Incarceration, coping and support. *Social Work*, 36, 279-285.

Christian, J., Mellow, J., & Thomas, S. (2006). Social and economic implications of family connections to prisoners. *Journal of Criminal Justice*, 34, 443-452.

Dallaire, D. (2007). Incarcerated mothers and fathers: A comparison of risks for children and families. *Family Relations*, 56, 440-453.

Dhami, M., Mandel, D., Loewenstein, G., & Ayton, P. (2006). Prisoners' positive illusions of their post-release success. *Law Hum Behave*, 30, 631-647.

Foster, H., & Hagan, J. (2007). Incarceration and intergenerational social exclusion. *Social Problems*, 54, 399-433.

Freudenberg, N., Daniels, J., Crum, M., Perkins, T., & Richie, B. (2005). Coming home from jail: The social and health consequences of community reentry for women, male adolescents, and their families and communities. *American Journal of Public Health*, 95, 725-736.

Gonçalves, R. A. (2002). Vitimação em contexto prisional. In C. Machado & R. Gonçalves (Ed.), *Violência e vítimas de crimes*. Coimbra: Quarteto.

Gonçalves, R. A. (2000). *A adaptação à prisão: Um processo vivido e observado*. Lisboa: Direcção Geral dos Serviços Prisionais.

Gonçalves, R. A. (1999). *Psicopatia e processos adaptativos à prisão: Da intervenção para a prevenção*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia.

Hairston, C. (1998). The forgotten parent: Understanding the forces that influence incarcerated fathers' relationships with their children. *Child Welfare*, 77, 617-639.

Holahan, C., & Moos, R. (1986). Personality, coping and family resources in stress resistance: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 2, 389-395.

I.N.E. (1998). *Estatísticas Demográficas*. Lisboa: I.N.E.

A percepção do stress e das estratégias de coping familiares em reclusos. Um estudo exploratório.

Sandra Marques (e-mail:sandra.a.i.marques@gmail.com) 2009

I.N.E. (1998). *Tipologia de áreas urbanas*. Lisboa: I.N.E. e Direcção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.

Lazarus, A., & Monat, R. (1985). *Stress and coping: An anthologie*. New York: Columbia University Press.

Lopoo, L., & Western, B. (2005). Incarceration and the formation and stability of marital unions. *Journal of Marriage and Family*, 67, 721-734.

Lopes, R. (2008). *Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) numa amostra de população geral portuguesa*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Machado, T. S. (2004). Vinculação e comportamento anti-social. In António Castro Fonseca (Coord.). *Comportamento anti-social e crime*. (pp.291-322). Coimbra: Almedina.

Martinez, D., & Christian, J. (2008). The familial relationships of former prisoners: Examining the link between residence and informal support mechanisms. *Journal of Contemporary Ethnography*, 38, 201-224.

Martins, R. (2008). *F-COPES: Estudo de validação para a população portuguesa*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Mazza, C. (2002). And then the world fell apart: The children of incarcerated fathers. *Families in Society*, 83, 521-529.

Miller, K. (2006). The impact of parental incarceration on children: An emerging need for effective interventions. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 23, 472-486.

Murray, J., & Farrington, D. (2008). Parental imprisonment: Long-lasting effects on boys' internalizing problems through the life course. *Development and Psychopathology*, 20, 273-290.

Myers, B., Smarsh, T., Amlund-Hagen, K., & Kennon, S. (1999). Children of incarcerated mothers. *Journal of Child and Family Studies*, 8(1), 11-25.

Provedor de Justiça (1999). *As nossas prisões: Relatório especial do Provedor de Justiça à Assembleia da República*. Lisboa: Provedoria de Justiça – Divisão de Documentação.

Relvas, A. P. (2005). Família e Stress: das crises normativas às crises inesperadas. Como intervir numa perspectiva sistémica. In A. Pinto & A. Silva (Ed.), *Stress e bem-estar: Modelos e domínios de aplicação*. (pp.43-58). Lisboa: CLIMEPSI Editores.

Shamai, R., & Kochal, R. (2008). “Motherhood starts in prison”: The experience of motherhood among women in prison. *Family Process*, 47(3), p. 323-340.

Sheridan, M. (1996). Comparison of the life experiences and personal functioning of men and women in prison. *Families in Society*, 77(7), 423-435.

Simões, M. M. R. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes progressivas coloridas de Raven (M.P.R.C.)*. Dissertação de Doutoramento não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Torres, A., & Gomes, M. (2002). *Drogas e prisões em Portugal*. Lisboa.

Vaz Serra, A. (2005). As múltiplas facetas do stress. In A. Pinto & A. Silva (Ed.), *Stress e bem-estar: Modelos e domínios de aplicação*.(pp.17-42). Lisboa: CLIMEPSI Editores.

Anexo 2: Análise da consistência interna

Tabela 1: Alfa de Cronbach do F-COPES

Cronbach's Alpha	N of Items
,879	30

Tabela 2: Alfa de Cronbach dos itens do F-COPES

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FC1	90,46	284,551	,498	,874
FC2	90,56	287,698	,518	,874
FC3	90,25	299,213	,209	,879
FC4	90,81	283,858	,535	,873
FC5	90,69	291,709	,345	,877
FC6	91,48	272,851	,819	,866
FC7	90,77	292,776	,300	,878
FC8	91,90	282,606	,544	,873
FC9	90,73	277,478	,658	,870
FC10	91,71	275,871	,696	,869
FC11	90,00	304,340	,067	,881
FC12	90,65	286,787	,407	,876
FC13	90,33	294,865	,299	,878
FC14	90,92	292,759	,297	,878
FC15	90,56	296,677	,324	,877
FC16	90,65	283,680	,550	,873
FC17	91,06	291,464	,378	,876
FC18	91,35	284,106	,450	,875
FC19	90,83	290,142	,414	,876
FC20	90,25	292,149	,382	,876
FC21	91,15	278,553	,669	,870
FC22	90,12	300,324	,236	,879
FC23	91,00	285,149	,499	,874
FC24	90,56	289,230	,627	,873
FC25	90,48	249,787	,493	,884
FC26	91,04	285,871	,481	,874
FC27	91,83	287,589	,466	,874
FC28	91,79	307,190	-,040	,884
FC29	92,17	289,418	,485	,874
FC30	89,90	299,202	,166	,881

Tabela 3: Alfa de Cronbach do FILE

Cronbach's Alpha	N of Items

,927	71
------	----

Tabela 4: Alfa de Cronbach dos itens do FILE

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
F tens. família	9,67	90,303	,293	,926
F tens. família	9,88	91,555	,308	,926
F tens. família	9,42	90,210	,264	,927
F tens. família	9,94	92,997	,000	,927
F tens. família	9,88	91,947	,220	,926
F tens. família	9,94	92,997	,000	,927
F tens. família	9,88	92,379	,124	,927
F tens. família	9,87	91,138	,348	,926
F tens. família	9,83	91,283	,261	,926
F tens. família	9,90	92,402	,149	,927
F tens. família	9,88	90,418	,564	,925
F tens. família	9,92	92,229	,281	,926
F tens. família	9,75	88,583	,568	,924
F tens. família	9,83	89,166	,612	,924
F tens. família	9,75	88,309	,606	,924
F tens. família	9,71	88,562	,531	,924
F tens. família	9,88	90,496	,546	,925
F tens. conj.	9,87	92,119	,156	,927
F tens. conj.	9,88	91,947	,220	,926
F tens. conj.	9,88	92,692	,055	,927
F tens. conj.	9,83	90,067	,461	,925
F tens. grav.	9,88	91,124	,404	,926
F tens. grav.	9,90	91,618	,361	,926
F tens. grav.	9,92	91,759	,459	,926
F tens. grav.	9,79	91,386	,212	,927
F tens. fin.	9,79	88,445	,645	,924
F tens. fin.	9,79	88,405	,651	,924
F tens. fin.	9,73	89,063	,483	,925
F tens. fin.	9,67	88,617	,496	,925
F tens. fin.	9,85	92,094	,143	,927
F tens. fin.	9,63	91,452	,149	,928
F tens. fin.	9,62	88,673	,460	,925
F tens. fin.	9,88	89,947	,670	,924
F tens. fin.	9,73	87,338	,712	,923
F tens. fin.	9,75	89,681	,419	,925
F tens. fin.	9,73	89,103	,478	,925
F tens. fin.	9,81	88,158	,729	,923
F tens. trab.	9,77	88,965	,539	,924
F tens. trab.	9,77	90,848	,275	,926
F tens. trab.	9,81	92,002	,133	,927
F tens. trab.	9,77	89,867	,412	,925
F tens. trab.	9,63	87,805	,570	,924
F tens. trab.	9,60	89,304	,381	,926
F tens. trab.	9,71	89,739	,382	,926
F tens. trab.	9,67	88,891	,462	,925
F tens. trab.	9,81	91,060	,276	,926
F tens. trab.	9,73	88,279	,587	,924
F tens. saúde	9,75	91,054	,235	,927
F tens. saúde	9,88	91,359	,352	,926
F tens. saúde	9,81	89,100	,581	,924
F tens. saúde	9,83	93,126	-,038	,928
F tens. saúde	9,87	91,491	,278	,926
F tens. saúde	9,83	89,048	,631	,924
F tens. saúde	9,88	90,143	,626	,925
F tens. saúde	9,87	90,707	,433	,925
F perdas	9,79	90,209	,384	,926
F perdas	9,94	92,997	,000	,927
F perdas	9,79	88,954	,569	,924
F perdas	9,75	90,152	,355	,926

F perdas	9,90	93,147	-,050	,927
F perdas	9,79	88,758	,598	,924
F entr. e saíd.	9,79	89,974	,418	,925
F entr. e saíd.	9,79	90,915	,280	,926
F entr. e saíd.	9,83	92,303	,095	,927
F entr. e saíd.	9,79	91,935	,133	,927
F entr. e saíd.	9,79	91,072	,258	,926
F prob. legais	9,67	89,048	,443	,925
F prob. legais	9,71	88,758	,506	,925
F prob. legais	9,92	91,759	,459	,926
F prob. legais	9,92	91,759	,459	,926
F prob. legais	9,90	91,618	,361	,926

Anexo 3: Análise estatística da comparação entre as amostras de estudo e de referência

One-Sample Kolmogorov-Smirnov Test

subamostra			FILECONJU GAL	FILEFAMILIA	FILEGRAV IDEZ	FILETRABA LHO	FILEFINANÇ AS	FILESAUDE	FILEPERDAS	FILEENTRAD ASESAIDAS	FILELEGAL	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...
amostra de estudo	N		23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	Normal Parameters(a,b)	Mean	,70	3,22	,48	3,00	3,57	1,39	1,30	1,26	1,30	16,30
		Std. Deviation	1,020	2,860	,665	2,680	3,382	1,588	1,396	1,137	1,146	11,227
	Most Extreme Differences	Absolute	,318	,230	,373	,167	,243	,206	,238	,199	,250	,171
		Positive	,318	,230	,373	,167	,243	,206	,238	,199	,220	,171
		Negative	-,248	-,130	-,236	-,131	-,149	-,190	-,175	-,134	-,250	-,093
	Kolmogorov-Smirnov Z		1,524	1,103	1,787	,802	1,168	,988	1,144	,956	1,198	,820
	Asymp. Sig. (2-tailed)		,019	,175	,003	,541	,131	,283	,146	,320	,113	,512
amostra de comparação	N		29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Normal Parameters(a,b)	Mean	,00	1,14	,10	1,48	1,34	,38	,21	,31	,00	5,07
		Std. Deviation	,000(c)	1,302	,310	1,455	1,111	,728	,412	,541	,000(c)	3,788
	Most Extreme Differences	Absolute		,266	,527	,285	,243	,458	,485	,441		,163
		Positive		,266	,527	,285	,243	,458	,485	,441		,163
		Negative		-,191	-,369	-,154	-,137	-,301	-,308	-,283		-,090
	Kolmogorov-Smirnov Z			1,434	2,839	1,536	1,306	2,464	2,613	2,374		,877
	Asymp. Sig. (2-tailed)			,033	,000	,018	,066	,000	,000	,000		,426

a Test distribution is Normal.

b Calculated from data.

c The distribution has no variance for this variable. One-Sample Kolmogorov-Smirnov Test cannot be performed.

One-Sample Kolmogorov-Smirnov Test

subamostra		SMEAN(F Creenquad ramento)	SMEAN(FCapo ioespiritual)	SMEAN(FCrela vizinhança)	SMEAN(FCrela çõesíntimas)	SMEAN(FC apoioformal)	SMEAN(FCa ceitaçãoopass iva)	SMEAN(FCa valiaçãoopass iva)	SMEAN(F Ctotal)	
amostra de estudo	N	23	23	23	23	23	23	23	23	
	Normal Parameters(a,b)	Mean	24,43	14,48	7,09	21,41	9,26	10,36	9,13	94,79
		Std. Deviation	4,650	3,456	3,397	7,343	3,756	2,689	2,581	19,241
	Most Extreme Differences	Absolute	,144	,115	,146	,180	,158	,120	,154	,136
		Positive	,143	,102	,146	,180	,110	,097	,151	,136
		Negative	-,144	-,115	-,114	-,104	-,158	-,120	-,154	-,107
	Kolmogorov-Smirnov Z		,692	,549	,702	,863	,759	,577	,737	,652
	Asymp. Sig. (2-tailed)		,725	,923	,708	,446	,611	,894	,649	,789
amostra de comparação	N	29	29	29	29	29	29	29	29	
	Normal Parameters(a,b)	Mean	25,84	11,03	6,17	19,83	8,31	10,24	7,76	88,63
		Std. Deviation	3,664	3,065	2,965	3,947	2,593	1,864	2,459	12,987
	Most Extreme Differences	Absolute	,125	,161	,203	,144	,134	,138	,142	,178
		Positive	,125	,135	,203	,144	,134	,138	,142	,178
		Negative	-,104	-,161	-,142	-,100	-,117	-,115	-,129	-,087
	Kolmogorov-Smirnov Z		,675	,867	1,091	,777	,721	,742	,765	,958
	Asymp. Sig. (2-tailed)		,753	,440	,185	,582	,676	,641	,602	,317

a Test distribution is Normal.

b Calculated from data.

Mann-Whitney Test

	Subamostra	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FILECONJUGAL	amostra de estudo	23	32,80	754,50
	amostra de comparação	29	21,50	623,50
	Total	52		
FILEFAMILIA	amostra de estudo	23	33,70	775,00
	amostra de comparação	29	20,79	603,00
	Total	52		
FILEGRAVIDEZ	amostra de estudo	23	30,80	708,50
	amostra de comparação	29	23,09	669,50
	Total	52		
FILETRABALHO	amostra de estudo	23	31,22	718,00
	amostra de comparação	29	22,76	660,00
	Total	52		
FILEFINANÇAS	amostra de estudo	23	31,46	723,50
	amostra de comparação	29	22,57	654,50
	Total	52		
FILESAUDE	amostra de estudo	23	32,33	743,50
	amostra de comparação	29	21,88	634,50
	Total	52		
FILEPERDAS	amostra de estudo	23	33,37	767,50
	amostra de comparação	29	21,05	610,50
	Total	52		

FILEENTRADASESAIDAS	amostra de estudo	23	33,87	779,00
	amostra de comparação	29	20,66	599,00
	Total	52		
FILELEGAL	amostra de estudo	23	35,96	827,00
	amostra de comparação	29	19,00	551,00
	Total	52		

Test Statistics(a)

	FILECONJUGAL	FILEFAMILIA	FILEGRAVIDEZ	FILETRABALHO	FILEFINANÇAS	FILESAUDE	FILEPERDAS	FILEENTRADASESAIDAS	FILELEGAL
Mann-Whitney U	188,500	168,000	234,500	225,000	219,500	199,500	175,500	164,000	116,000
Wilcoxon W	623,500	603,000	669,500	660,000	654,500	634,500	610,500	599,000	551,000
Z	-3,890	-3,120	-2,487	-2,040	-2,160	-2,796	-3,352	-3,444	-5,038
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,002	,013	,041	,031	,005	,001	,001	,000

a Grouping Variable: subamostra

T-Test

Group Statistics

Subamostra	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ... amostra de estudo	23	16,30	11,227	2,341
amostra de comparação	29	5,07	3,788	,703

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances	t-test for Equality of Means															
		F		Sig.		t		Df		Sig. (2-tailed)		Mean Difference		Std. Error Difference		95% Confidence Interval of the Difference	
		Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper		
COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	Equal variances assumed	26,352	,000	5,050	50	,000	11,235	2,225	6,767	15,704							
	Equal variances not assumed			4,596	25,987	,000	11,235	2,444	6,211	16,260							

	subamostra			
	amostra de estudo		amostra de comparação	
	Standard Deviation	Mean	Standard Deviation	Mean
FILECONJUGAL	1.02	.70	.00	.00
FILEFAMILIA	2.86	3.22	1.30	1.14

FILEGRAVIDEZ	.67	.48	.31	.10
FILETRABALHO	2.68	3.00	1.45	1.48
FILEFINANÇAS	3.38	3.57	1.11	1.34
FILESAUDE	1.59	1.39	.73	.38
FILEPERDAS	1.40	1.30	.41	.21
FILEENTRADASESAIDAS	1.14	1.26	.54	.31
FILELEGAL	1.15	1.30	.00	.00
COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	11.23	16.30	3.79	5.07

Group Statistics

subamostra		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
SMEAN(FCreenq)	amostra de estudo	23	24,43	4,650	,970
	amostra de comparação	29	25,84	3,664	,680
SMEAN(FCapiooespiritual)	amostra de estudo	23	14,48	3,456	,721
	amostra de comparação	29	11,03	3,065	,569
SMEAN(FCrelavizinhança)	amostra de estudo	23	7,09	3,397	,708
	amostra de comparação	29	6,17	2,965	,551
SMEAN(FCint)	amostra de estudo	23	21,41	7,343	1,531
	amostra de comparação	29	19,83	3,947	,733
SMEAN(FCapioiofor)	amostra de estudo	23	9,26	3,756	,783
	amostra de comparação	29	8,31	2,593	,481
SMEAN(FCapassiva)	amostra de estudo	23	10,36	2,689	,561
	amostra de comparação	29	10,24	1,864	,346
SMEAN(FCavpassiva)	amostra de estudo	23	9,13	2,581	,538
	amostra de comparação	29	7,76	2,459	,457
SMEAN(FCopesto)	amostra de estudo	23	94,79	19,241	4,012
	amostra de comparação	29	88,63	12,987	2,412

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
		Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower
SMEAN(FCreenq)	Equal variances assumed	3,212	,079	-1,215	50	,230	-1,400	1,152	-3,715	,914
	Equal variances not assumed			-1,182	41,158	,244	-1,400	1,184	-3,792	,991
SMEAN(FCapiooespiritual)	Equal variances assumed	1,663	,203	3,809	50	,000	3,449	,905	1,630	5,268

	Equal variances not assumed			3,756	44,421	,000	3,449	,918	1,599	5,299
SMEAN(FCrelavizinhaça)	Equal variances assumed	,593	,445	1,036	50	,305	,915	,883	-,859	2,688
	Equal variances not assumed			1,019	43,998	,314	,915	,897	-,893	2,722
SMEAN(FCint)	Equal variances assumed	2,885	,096	,998	50	,323	1,587	1,591	-1,608	4,781
	Equal variances not assumed			,935	31,919	,357	1,587	1,698	-1,871	5,045
SMEAN(FCapoiopor)	Equal variances assumed	5,238	,026	1,078	50	,286	,951	,882	-,821	2,722
	Equal variances not assumed			1,034	37,552	,308	,951	,919	-,911	2,812
SMEAN(FCapassiva)	Equal variances assumed	2,731	,105	,189	50	,851	,119	,632	-1,151	1,389
	Equal variances not assumed			,181	37,667	,857	,119	,659	-1,215	1,454
SMEAN(FCavpassiva)	Equal variances assumed	,023	,881	1,955	50	,056	1,372	,702	-,038	2,782
	Equal variances not assumed			1,943	46,242	,058	1,372	,706	-,049	2,792
SMEAN(FCopesto)	Equal variances assumed	1,968	,167	1,374	50	,176	6,152	4,479	-2,844	15,149
	Equal variances not assumed			1,314	36,977	,197	6,152	4,681	-3,333	15,637

Mann-Whitney Test

Ranks

Subamostra	N	Mean Rank	Sum of Ranks
COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ... amostra de estudo	23	36,72	844,50
amostra de comparação	29	18,40	533,50
Total	52		

Test Statistics(a)

	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...
Mann-Whitney U	98,500
Wilcoxon W	533,500
Z	-4,337

Asymp. Sig. (2-tailed) | ,000

a Grouping Variable: subamostra

Anexo 4: Análise estatística da variável sócio-demográfica “local de residência”.

			Tests of Normality(b)					
subamostra	local residência	local residência	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
			Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
amostra de estudo	FILECONJUGAL	predominante/urbano	,296	17	,000	,750	17	,000
		predominante/ rural	,441	4	.	,630	4	,001
	FILEFAMILIA	predominante/urbano	,198	17	,077	,917	17	,133
		predominante/ rural	,260	4	.	,827	4	,161
	FILEGRAVIDEZ	predominante/urbano	,325	17	,000	,754	17	,001
	FILETRABALHO	predominante/urbano	,127	17	,200(*)	,956	17	,566
		predominante/ rural	,283	4	.	,863	4	,272
	FILEFINANÇAS	predominante/urbano	,237	17	,012	,861	17	,016
		predominante/ rural	,329	4	.	,895	4	,406
	FILESAUDE	predominante/urbano	,218	17	,031	,816	17	,003
		predominante/ rural	,283	4	.	,863	4	,272
	FILEPERDAS	predominante/urbano	,249	17	,006	,839	17	,007
		predominante/ rural	,303	4	.	,791	4	,086
	FILEENTRADASESAIDAS	predominante/urbano	,182	17	,136	,896	17	,059
		predominante/ rural	,260	4	.	,827	4	,161
	FILELEGAL	predominante/urbano	,231	17	,016	,852	17	,011
		predominante/ rural	,283	4	.	,863	4	,272
	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	predominante/urbano	,124	17	,200(*)	,959	17	,607
		predominante/ rural	,192	4	.	,971	4	,850
	SMEAN(FCreenq)	predominante/urbano	,215	17	,035	,931	17	,230
		predominante/ rural	,151	4	.	,993	4	,972
	SMEAN(FCapoioespiritual)	predominante/urbano	,147	17	,200(*)	,934	17	,255
		predominante/ rural	,220	4	.	,980	4	,900
	SMEAN(FCrelavizinhança)	predominante/urbano	,102	17	,200(*)	,948	17	,420
		predominante/ rural	,441	4	.	,630	4	,001
	SMEAN(FCint)	predominante/urbano	,212	17	,040	,860	17	,015
		predominante/ rural	,303	4	.	,816	4	,134
	SMEAN(FCapioiofor)	predominante/urbano	,168	17	,200(*)	,932	17	,232
		predominante/ rural	,232	4	.	,912	4	,492
	SMEAN(FCapassiva)	predominante/urbano	,143	17	,200(*)	,943	17	,360
		predominante/ rural	,214	4	.	,963	4	,798
	SMEAN(FCavpassiva)	predominante/urbano	,202	17	,063	,958	17	,597
		predominante/ rural	,203	4	.	,980	4	,899
	SMEAN(FCopesto)	predominante/urbano	,184	17	,129	,942	17	,337
		predominante/ rural	,250	4	.	,852	4	,233

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

b FILEGRAVIDEZ is constant when local residência = predominante/ rural in one or more split files. It has been omitted.

Mann-Whitney Test

		Ranks			
subamostra		local residência	N	Mean Rank	Sum of Ranks
amostra de estudo	FILECONJUGAL	predominante/urbano	17	11,56	196,50
		predominante/ rural	4	8,63	34,50
		Total	21		
	FILEFAMILIA	predominante/urbano	17	11,47	195,00
		predominante/ rural	4	9,00	36,00
		Total	21		
	FILEGRAVIDEZ	predominante/urbano	17	11,94	203,00
		predominante/ rural	4	7,00	28,00
		Total	21		
	FILETRABALHO	predominante/urbano	17	12,38	210,50
		predominante/ rural	4	5,13	20,50
		Total	21		
	FILEFINANÇAS	predominante/urbano	17	11,88	202,00
		predominante/ rural	4	7,25	29,00
		Total	21		
	FILESAUDE	predominante/urbano	17	11,41	194,00
		predominante/ rural	4	9,25	37,00
		Total	21		
	FILEPERDAS	predominante/urbano	17	11,18	190,00
		predominante/ rural	4	10,25	41,00
		Total	21		
FILEENTRADASESAIDAS	predominante/urbano	17	11,47	195,00	
	predominante/ rural	4	9,00	36,00	
	Total	21			
FILELEGAL	predominante/urbano	17	11,06	188,00	
	predominante/ rural	4	10,75	43,00	
	Total	21			
COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	predominante/urbano	17	11,94	203,00	
	predominante/ rural	4	7,00	28,00	
	Total	21			

Test Statistics(b)

subamostra		FILECONJUGAL	FILEFAMILIA	FILEGRAVIDEZ	FILETRABALHO	FILEFINANÇAS	FILESAUDE	FILEPERDAS	FILEENTRADASESAIDAS	FILELEGAL	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...
amostra de estudo	Mann-Whitney U	24,500	26,000	18,000	10,500	19,000	27,000	31,000	26,000	33,000	18,000

Wilcoxon W	34,500	36,000	28,000	20,500	29,000	37,000	41,000	36,000	43,000	28,000
Z	-,952	-,726	-1,666	-2,126	-1,373	-,658	-,281	-,743	-,095	-1,435
Asymp. Sig. (2-tailed)	,341	,468	,096	,034	,170	,511	,779	,458	,924	,151
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,410(a)	,517(a)	,172(a)	,031(a)	,203(a)	,574(a)	,829(a)	,517(a)	,965(a)	,172(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: local residência

Mann-Whitney Test

		Ranks			
subamostra		local residência	N	Mean Rank	Sum of Ranks
amostra de estudo	SMEAN(FCreenq)	predominante/urbano	17	12,06	205,00
		predominante/ rural	4	6,50	26,00
		Total	21		
	SMEAN(FCapoioespiritual)	predominante/urbano	17	11,88	202,00
		predominante/ rural	4	7,25	29,00
		Total	21		
	SMEAN(FCrelavizinhaça)	predominante/urbano	17	11,85	201,50
		predominante/ rural	4	7,38	29,50
		Total	21		
	SMEAN(FCint)	predominante/urbano	17	11,53	196,00
		predominante/ rural	4	8,75	35,00
		Total	21		
	SMEAN(FCapoiopor)	predominante/urbano	17	12,12	206,00
		predominante/ rural	4	6,25	25,00
		Total	21		
	SMEAN(FCapassiva)	predominante/urbano	17	12,18	207,00
		predominante/ rural	4	6,00	24,00
		Total	21		
	SMEAN(FCavpassiva)	predominante/urbano	17	10,97	186,50
		predominante/ rural	4	11,13	44,50
		Total	21		
	SMEAN(FCopesto)	predominante/urbano	17	12,00	204,00
		predominante/ rural	4	6,75	27,00
		Total	21		

Test Statistics(b)

subamostra		SMEAN(FCreenq)	SMEAN(FCapoioespiritual)	SMEAN(FCrelavizinhaça)	SMEAN(FCint)	SMEAN(FCapoiopor)	SMEAN(FCapassiva)	SMEAN(FCavpassiva)	SMEAN(FCopesto)
amostra de estudo	Mann-Whitney U	16,000	19,000	19,500	25,000	15,000	14,000	33,500	17,000
	Wilcoxon W	26,000	29,000	29,500	35,000	25,000	24,000	186,500	27,000

Z	-1,617	-1,350	-1,318	-,808	-1,711	-1,802	-,046	-1,524
Asymp. Sig. (2-tailed)	,106	,177	,187	,419	,087	,071	,963	,128
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,120(a)	,203(a)	,203(a)	,462(a)	,099(a)	,081(a)	,965(a)	,144(a)

Anexo 5: Teste Mann-Whitney da variável sócio-demográfica “habilitações literárias”.

Mann-Whitney Test

Ranks

subamostra	hab2	N	Mean Rank	Sum of Ranks
amostra de estudo	SMEAN(FCrelavi zinhança) EB 1.º ciclo	11	11,91	131,00
	EB 2.º ciclo	7	5,71	40,00
	Total	18		

Test Statistics(b)

subamostra	SMEAN(FCrelavi zinhança)	
amostra de estudo	Mann-Whitney U	12,000
	Wilcoxon W	40,000
	Z	-2,416
	Asymp. Sig. (2-tailed)	,016
	Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,015(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: hab2

Mann-Whitney Test

Ranks

subamostra	hab2	N	Mean Rank	Sum of Ranks
amostra de estudo	SMEAN(FCrelavi zinhança) EB 1.º ciclo	11	9,45	104,00
	EB 3.º ciclo	4	4,00	16,00
	Total	15		

Test Statistics(b)

subamostra	SMEAN(FCrelavi zinhança)	
amostra de estudo	Mann-Whitney U	6,000
	Wilcoxon W	16,000
	Z	-2,114
	Asymp. Sig. (2-tailed)	,035

Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,040(a)
--------------------------------	---------

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: hab2

Mann-Whitney Test**Ranks**

Subamostra	hab2	N	Mean Rank	Sum of Ranks
amostra de estudo	SMEAN(FCrelavi zinhança) EB 2.º ciclo	7	6,29	44,00
	EB 3.º ciclo	4	5,50	22,00
	Total	11		

Test Statistics(b)

Subamostra	SMEAN(FCrelavi zinhança)	
amostra de estudo	Mann-Whitney U	12,000
	Wilcoxon W	22,000
	Z	-,388
	Asymp. Sig. (2-tailed)	,698
	Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,788(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: hab2

Anexo 6: Análise estatística da variável sócio-demográfica “nível socioeconómico”.**Tests of Normality**

subamostra	nível sócio-económico	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk			
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.	
amostra de estudo	FILECONJUGAL	NE baixo	,363	17	,000	,714	17	,000
		NE médio	,293	6	,117	,822	6	,091
	FILEFAMILIA	NE baixo	,277	17	,001	,876	17	,027
		NE médio	,251	6	,200(*)	,927	6	,557
	FILEGRAVIDEZ	NE baixo	,358	17	,000	,721	17	,000
		NE médio	,407	6	,002	,640	6	,001
	FILETRABALHO	NE baixo	,185	17	,126	,903	17	,076
		NE médio	,122	6	,200(*)	,982	6	,961
	FILEFINANÇAS	NE baixo	,270	17	,002	,826	17	,005
		NE médio	,190	6	,200(*)	,882	6	,277
	FILESAUDE	NE baixo	,228	17	,019	,825	17	,005
		NE médio	,277	6	,168	,773	6	,033
	FILEPERDAS	NE baixo	,281	17	,001	,803	17	,002
		NE médio	,401	6	,003	,770	6	,031
	FILEENTRADASESAIDAS	NE baixo	,169	17	,200(*)	,897	17	,061
		NE médio	,254	6	,200(*)	,866	6	,212
	FILELEGAL	NE baixo	,290	17	,000	,851	17	,011
		NE médio	,392	6	,004	,701	6	,006
	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 +	NE baixo	,203	17	,060	,923	17	,164
		NE médio	,170	6	,200(*)	,942	6	,672

File10 + File11 + File12 + File13 ...							
SMEAN(FCreenq)	NE baixo	,154	17	,200(*)	,955	17	,532
	NE médio	,211	6	,200(*)	,888	6	,309
SMEAN(FCapooiespiritual)	NE baixo	,179	17	,149	,928	17	,199
	NE médio	,171	6	,200(*)	,944	6	,689
SMEAN(FCrelavizinhança)	NE baixo	,145	17	,200(*)	,917	17	,132
	NE médio	,310	6	,074	,815	6	,079
SMEAN(FCint)	NE baixo	,210	17	,044	,781	17	,001
	NE médio	,191	6	,200(*)	,920	6	,505
SMEAN(FCapooiofor)	NE baixo	,174	17	,183	,951	17	,471
	NE médio	,209	6	,200(*)	,891	6	,324
SMEAN(FCapassiva)	NE baixo	,158	17	,200(*)	,943	17	,357
	NE médio	,175	6	,200(*)	,919	6	,499
SMEAN(FCavpassiva)	NE baixo	,221	17	,027	,909	17	,097
	NE médio	,210	6	,200(*)	,930	6	,582
SMEAN(FCopesto)	NE baixo	,196	17	,083	,936	17	,274
	NE médio	,172	6	,200(*)	,947	6	,713

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Mann-Whitney Test

		Ranks			
subamostra	nível sócio-económico	N	Mean Rank	Sum of Ranks	
amostra de estudo	FILECONJUGAL	NE baixo	17	11,18	190,00
		NE médio	6	14,33	86,00
		Total	23		
FILEFAMILIA	NE baixo	17	12,62	214,50	
	NE médio	6	10,25	61,50	
	Total	23			
FILEGRAVIDEZ	NE baixo	17	12,35	210,00	
	NE médio	6	11,00	66,00	
	Total	23			
FILEFINANÇAS	NE baixo	17	11,94	203,00	
	NE médio	6	12,17	73,00	
	Total	23			
FILESAUDE	NE baixo	17	12,76	217,00	
	NE médio	6	9,83	59,00	
	Total	23			
FILEPERDAS	NE baixo	17	11,85	201,50	
	NE médio	6	12,42	74,50	
	Total	23			
FILEENTRADASESAIDAS	NE baixo	17	12,79	217,50	
	NE médio	6	9,75	58,50	
	Total	23			
FILELEGAL	NE baixo	17	13,62	231,50	
	NE médio	6	7,42	44,50	

Total	23
-------	----

Test Statistics(b)

subamostra		FILECONJUGAL	FILEFAMILIA	FILEGRAVIDEZ	FILEFINANÇAS	FILESAUDE	FILEPERDAS	FILEENTRADAS ESAIAS	FILELEGAL
amostra de estudo	Mann-Whitney U	37,000	40,500	45,000	50,000	38,000	48,500	37,500	23,500
	Wilcoxon W	190,000	61,500	66,000	203,000	59,000	201,500	58,500	44,500
	Z	-1,095	-,745	-,486	-,071	-,949	-,183	-,982	-2,058
	Asymp. Sig. (2-tailed)	,273	,456	,627	,943	,343	,855	,326	,040
	Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,354(a)	,473(a)	,708(a)	,973(a)	,392(a)	,865(a)	,354(a)	,052(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: nível sócio-económico

T-Test

Group Statistics

subamostra	nível sócio-económico	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	
amostra de estudo	SMEAN(FCreenq)	NE baixo	17	23,35	4,315	1,046
		NE médio	6	27,50	4,506	1,839
	SMEAN(FCapiooespiritual)	NE baixo	17	14,42	3,383	,821
		NE médio	6	14,67	3,983	1,626
	SMEAN(FCrelavizinhança)	NE baixo	17	7,82	3,468	,841
		NE médio	6	5,00	2,280	,931
	SMEAN(FCint)	NE baixo	17	22,62	7,122	1,727
		NE médio	6	18,00	7,483	3,055
	SMEAN(FCapioiofor)	NE baixo	17	9,53	3,466	,841
		NE médio	6	8,50	4,764	1,945
	SMEAN(FCapassiva)	NE baixo	17	10,19	2,098	,509
		NE médio	6	10,83	4,167	1,701
	SMEAN(FCavpassiva)	NE baixo	17	9,76	2,137	,518
		NE médio	6	7,33	3,077	1,256
	SMEAN(FCopesto)	NE baixo	17	95,83	16,423	3,983
		NE médio	6	91,83	27,418	11,194

Independent Samples Test

subamostra		Levene's Test for Equality of Variances	t-test for Equality of Means															
			F		Sig.		t		df		Sig. (2-tailed)		Mean Difference		Std. Error Difference		95% Confidence Interval of the Difference	
			Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper		
amostra de estudo	SMEAN(FCreenq)	Equal variances assumed	,005	,943	-2,003	21	,058	-4,147	2,071	-8,454	,160							
		Equal variances not assumed			-1,960	8,483	,084	-4,147	2,116	-8,979	,685							

SMEAN(FCapioespiritual)	Equal variances assumed	,014	,906	-,148	21	,884	-,248	1,679	-3,739	3,244
	Equal variances not assumed			-,136	7,714	,895	-,248	1,821	-4,475	3,980
SMEAN(FCrelavizinhança)	Equal variances assumed	1,549	,227	1,843	21	,079	2,824	1,532	-,362	6,009
	Equal variances not assumed			2,250	13,654	,041	2,824	1,255	,126	5,521
SMEAN(FCint)	Equal variances assumed	,328	,573	1,349	21	,192	4,619	3,424	-2,501	11,739
	Equal variances not assumed			1,316	8,439	,223	4,619	3,510	-3,401	12,640
SMEAN(FCapioiofor)	Equal variances assumed	1,076	,311	,568	21	,576	1,029	1,812	-2,739	4,797
	Equal variances not assumed			,486	6,967	,642	1,029	2,119	-3,986	6,045
SMEAN(FCapassiva)	Equal variances assumed	4,167	,054	-,492	21	,628	-,640	1,300	-3,342	2,063
	Equal variances not assumed			-,360	5,920	,731	-,640	1,776	-4,999	3,720
SMEAN(FCavpassiva)	Equal variances assumed	1,669	,210	2,138	21	,044	2,431	1,137	,067	4,796
	Equal variances not assumed			1,789	6,786	,118	2,431	1,359	-,802	5,665
SMEAN(FCopesto)	Equal variances assumed	3,210	,088	,429	21	,672	3,994	9,311	-15,370	23,357
	Equal variances not assumed			,336	6,315	,748	3,994	11,881	-24,730	32,718

Anexo 7: Análise estatística da variável familiar “etapa do ciclo vital da família”.

Tests of Normality(b,c,d)

subamostra	etapa ciclo vital	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk			
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.	
amostra de estudo	FILECONJUGAL	filhos pequenos ou pré-escolar	,385	3	.	,750	3	,000
		filhos idade escolar	,246	5	,200(*)	,956	5	,777
		filhos adolescentes	,307	4	.	,729	4	,024
	FILEFAMILIA	família lançadora	,385	3	.	,750	3	,000
		casal sem filhos	,385	3	.	,750	3	,000
		filhos pequenos ou pré-escolar	,385	3	.	,750	3	,000
FILEGRAVIDEZ	FILEFAMILIA	filhos idade escolar	,141	5	,200(*)	,979	5	,928
		filhos adolescentes	,274	4	.	,939	4	,650
		família lançadora	,292	3	.	,923	3	,463
	FILEGRAVIDEZ	casal sem filhos	,385	3	.	,750	3	,000
		filhos pequenos ou pré-	,385	3	.	,750	3	,000

	escolar						
	filhos idade escolar	,231	5	,200(*)	,881	5	,314
	filhos adolescentes	,441	4	.	,630	4	,001
FILETRABALHO	casal sem filhos	,175	3	.	1,000	3	1,000
	filhos pequenos ou pré-escolar	,385	3	.	,750	3	,000
	filhos idade escolar	,213	5	,200(*)	,963	5	,826
	filhos adolescentes	,215	4	.	,946	4	,689
	família lançadora	,314	3	.	,893	3	,363
FILEFINANÇAS	casal sem filhos	,385	3	.	,750	3	,000
	filhos pequenos ou pré-escolar	,175	3	.	1,000	3	1,000
	filhos idade escolar	,178	5	,200(*)	,981	5	,940
	filhos adolescentes	,301	4	.	,897	4	,414
	família lançadora	,385	3	.	,750	3	,000
FILESAUDE	casal sem filhos	,385	3	.	,750	3	,000
	filhos pequenos ou pré-escolar	,385	3	.	,750	3	,000
	filhos idade escolar	,141	5	,200(*)	,979	5	,928
	filhos adolescentes	,303	4	.	,791	4	,086
	família lançadora	,385	3	.	,750	3	,000
FILEPERDAS	casal sem filhos	,385	3	.	,750	3	,000
	filhos pequenos ou pré-escolar	,175	3	.	1,000	3	1,000
	filhos idade escolar	,273	5	,200(*)	,852	5	,201
	filhos adolescentes	,151	4	.	,993	4	,972
	família lançadora	,385	3	.	,750	3	,000
FILEENTRADASESAIDAS	casal sem filhos	,385	3	.	,750	3	,000
	filhos idade escolar	,254	5	,200(*)	,914	5	,492
	filhos adolescentes	,283	4	.	,863	4	,272
	família lançadora	,175	3	.	1,000	3	1,000
FILELEGAL	casal sem filhos	,175	3	.	1,000	3	1,000
	filhos pequenos ou pré-escolar	,175	3	.	1,000	3	1,000
	filhos idade escolar	,231	5	,200(*)	,881	5	,314
	filhos adolescentes	,283	4	.	,863	4	,272
	família lançadora	,385	3	.	,750	3	,000
COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	casal sem filhos	,328	3	.	,871	3	,298
	filhos pequenos ou pré-escolar	,282	3	.	,936	3	,510
	filhos idade escolar	,281	5	,200(*)	,800	5	,081
	filhos adolescentes	,371	4	.	,825	4	,155
	família lançadora	,310	3	.	,900	3	,384
SMEAN(FCreenq)	casal sem filhos	,356	3	.	,818	3	,157

	filhos pequenos ou pré-escolar	,269	3	.	,949	3	,567
	filhos idade escolar	,215	5	,200(*)	,939	5	,660
	filhos adolescentes	,315	4	.	,911	4	,487
	família lançadora	,314	3	.	,893	3	,363
SMEAN(FCapioespiritual)	casal sem filhos	,253	3	.	,964	3	,637
	filhos pequenos ou pré-escolar	,385	3	.	,750	3	,000
	filhos idade escolar	,208	5	,200(*)	,894	5	,378
	filhos adolescentes	,271	4	.	,848	4	,220
	família lançadora	,292	3	.	,923	3	,463
SMEAN(FCrelavizinhança)	casal sem filhos	,219	3	.	,987	3	,780
	filhos pequenos ou pré-escolar	,328	3	.	,871	3	,298
	filhos idade escolar	,179	5	,200(*)	,984	5	,955
	filhos adolescentes	,306	4	.	,777	4	,066
	família lançadora	,253	3	.	,964	3	,637
SMEAN(FCint)	casal sem filhos	,253	3	.	,964	3	,637
	filhos pequenos ou pré-escolar	,246	3	.	,970	3	,666
	filhos idade escolar	,287	5	,200(*)	,910	5	,469
	filhos adolescentes	,294	4	.	,851	4	,230
	família lançadora	,337	3	.	,855	3	,253
SMEAN(FCapioiofor)	casal sem filhos	,204	3	.	,993	3	,843
	filhos pequenos ou pré-escolar	,175	3	.	1,000	3	1,000
	filhos idade escolar	,219	5	,200(*)	,916	5	,507
	filhos adolescentes	,300	4	.	,838	4	,189
	família lançadora	,314	3	.	,893	3	,363
SMEAN(FCapassiva)	casal sem filhos	,337	3	.	,855	3	,253
	filhos pequenos ou pré-escolar	,385	3	.	,750	3	,000
	filhos idade escolar	,194	5	,200(*)	,979	5	,927
	filhos adolescentes	,208	4	.	,950	4	,714
	família lançadora	,385	3	.	,750	3	,000
SMEAN(FCavpassiva)	casal sem filhos	,385	3	.	,750	3	,000
	filhos pequenos ou pré-escolar	,175	3	.	1,000	3	1,000
	filhos idade escolar	,243	5	,200(*)	,922	5	,544
	filhos adolescentes	,208	4	.	,950	4	,714
	família lançadora	,253	3	.	,964	3	,637
SMEAN(FCopesto)	casal sem filhos	,369	3	.	,789	3	,089
	filhos pequenos ou pré-escolar	,214	3	.	,989	3	,803
	filhos idade escolar	,288	5	,200(*)	,902	5	,423

filhos adolescentes	,225	4	.	,939	4	,648
família lançadora	,276	3	.	,942	3	,537

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

b FILECONJUGAL is constant when etapa ciclo vital = casal sem filhos in one or more split files. It has been omitted.

c FILEGRAVIDEZ is constant when etapa ciclo vital = família lançadora in one or more split files. It has been omitted.

d FILEENTRADASESAIDAS is constant when etapa ciclo vital = filhos pequenos ou pré-escolar in one or more split files. It has been omitted.

Mann-Whitney Test

Subamostra		etapa ciclo vital	N	Mean Rank	Sum of Ranks
amostra de estudo	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	casal sem filhos	3	2,00	6,00
		filhos idade escolar	5	6,00	30,00
		Total	8		
FILETRABALHO		casal sem filhos	3	2,50	7,50
		filhos idade escolar	5	5,70	28,50
		Total	8		

Test Statistics(b)

Subamostra		COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	FILETRABALHO
amostra de estudo	Mann-Whitney U	,000	1,500
	Wilcoxon W	6,000	7,500
	Z	-2,236	-1,811
	Asymp. Sig. (2-tailed)	,025	,070
	Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,036(a)	,071(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: etapa ciclo vital

Mann-Whitney Test

subamostra		etapa ciclo vital	N	Mean Rank	Sum of Ranks
amostra de estudo	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	casal sem filhos	3	2,33	7,00
		filhos adolescentes	4	5,25	21,00
		Total	7		
FILETRABALHO		casal sem filhos	3	2,17	6,50

filhos adolescentes	4	5,38	21,50
Total	7		

Test Statistics(b)

subamostra		COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	FILETRABA LHO
amostra de estudo	Mann-Whitney U	1,000	,500
	Wilcoxon W	7,000	6,500
	Z	-1,784	-1,962
	Asymp. Sig. (2-tailed)	,074	,050
	Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,114(a)	,057(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: etapa ciclo vital

Mann-Whitney Test

Ranks

subamostra	etapa ciclo vital	N	Mean Rank	Sum of Ranks
amostra de estudo	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	3	2,00	6,00
	filhos pequenos ou pré- escolar	5	6,00	30,00
	Total	8		
FILETRABALHO	filhos pequenos ou pré- escolar	3	2,17	6,50
	filhos idade escolar	5	5,90	29,50
	Total	8		

Test Statistics(b)

subamostra		COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	FILETRABA LHO
amostra de estudo	Mann-Whitney U	,000	,500
	Wilcoxon W	6,000	6,500
	Z	-2,236	-2,125

Asymp. Sig. (2-tailed)	,025	,034
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,036(a)	,036(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: etapa ciclo vital

Mann-Whitney Test

subamostra		etapa ciclo vital		N	Mean Rank	Sum of Ranks
amostra de estudo	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	filhos pequenos ou pré-escolar		3	2,33	7,00
		filhos adolescentes		4	5,25	21,00
		Total		7		
FILETRABALHO		filhos pequenos ou pré-escolar		3	2,00	6,00
		filhos adolescentes		4	5,50	22,00
		Total		7		

Test Statistics(b)

subamostra		COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	FILETRABALHO
amostra de estudo	Mann-Whitney U	1,000	,000
	Wilcoxon W	7,000	6,000
	Z	-1,784	-2,141
	Asymp. Sig. (2-tailed)	,074	,032
	Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,114(a)	,057(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: etapa ciclo vital

Mann-Whitney Test

subamostra		etapa ciclo vital		N	Mean Rank	Sum of Ranks
amostra de estudo	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	casal sem filhos		3	3,50	10,50
		filhos pequenos ou pré-escolar		3	3,50	10,50
		Total		6		
FILETRABALHO		casal sem filhos		3	4,50	13,50
		filhos pequenos ou pré-escolar		3	2,50	7,50
		Total		6		

Test Statistics(b)

		COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	FILETRABA LHO
subamostra			
amostra de estudio	Mann-Whitney U	4,500	1,500
	Wilcoxon W	10,500	7,500
	Z	,000	-1,348
	Asymp. Sig. (2-tailed)	1,000	,178
	Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	1,000(a)	,200(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: etapa ciclo vital

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlations

subamostra	tamanho agregado		SMEAN(FCreenq)	SMEAN(FCapioespiritual)	SMEAN(FCrelavizinhança)	SMEAN(FCint)	SMEAN(FCapiofor)	SMEAN(FCapassiva)	SMEAN(FCavpassiva)	SMEAN(FCopesto)	
amostra de estudo	tamanho agregado	Pearson Correlation	1	,034	,049	,386	,380	,398	,071	,370	,107
		Sig. (2-tailed)		,877	,823	,069	,074	,060	,747	,082	,627
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	SMEAN(FCreenq)	Pearson Correlation	,034	1	,291	,346	,276	,602(**)	,708(**)	-,134	,560(**)
		Sig. (2-tailed)	,877		,178	,106	,202	,002	,000	,543	,005
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	SMEAN(FCapioespiritual)	Pearson Correlation	,049	,291	1	,256	,270	,443(*)	,643(**)	-,138	,545(**)
		Sig. (2-tailed)	,823	,178		,239	,212	,034	,001	,530	,007
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	SMEAN(FCrelavizinhança)	Pearson Correlation	,386	,346	,256	1	,635(**)	,611(**)	,503(*)	,279	,660(**)
		Sig. (2-tailed)	,069	,106	,239		,001	,002	,014	,198	,001
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	SMEAN(FCint)	Pearson Correlation	,380	,276	,270	,635(**)	1	,735(**)	,507(*)	,459(*)	,839(**)
		Sig. (2-tailed)	,074	,202	,212	,001		,000	,013	,028	,000
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	SMEAN(FCapiofor)	Pearson Correlation	,398	,602(**)	,443(*)	,611(**)	,735(**)	1	,736(**)	,357	,837(**)
		Sig. (2-tailed)	,060	,002	,034	,002	,000		,000	,094	,000
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	SMEAN(FCapassiva)	Pearson Correlation	,071	,708(**)	,643(**)	,503(*)	,507(*)	,736(**)	1	,138	,837(**)
		Sig. (2-tailed)	,747	,000	,001	,014	,013	,000		,530	,000
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	SMEAN(FCavpassiva)	Pearson Correlation	,370	-,134	-,138	,279	,459(*)	,357	,138	1	,273
		Sig. (2-tailed)	,082	,543	,530	,198	,028	,094	,530		,208
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	SMEAN(FCopesto)	Pearson Correlation	,107	,560(**)	,545(**)	,660(**)	,839(**)	,837(**)	,837(**)	,273	1
		Sig. (2-tailed)	,627	,005	,007	,001	,000	,000	,000	,208	
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Anexo 9: Análise das correlações da variável familiar “número de filhos a residir no agregado familiar”.

Nonparametric Correlations

			Correlations										
			filhos	FILECONJUGAL	FILEFAMILIA	FILEGRAVIDEZ	FILETRABALHO	FILEFINANÇAS	FILESAUDE	FILEPERDAS	FILEENTRADASESAIDAS	FILELEGAL	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...
Spearman's rho	filhos	Correlation Coefficient	1,000	,177	,501(*)	,340	,377	,553(**)	,325	,287	-,011	,074	,546(**)
		Sig. (2-tailed)	.	,420	,015	,112	,076	,006	,130	,184	,960	,736	,007
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	FILECONJUGAL	Correlation Coefficient	,177	1,000	,496(*)	-,218	,422(*)	,296	-,120	-,068	-,297	-,066	,345
		Sig. (2-tailed)	,420	.	,016	,317	,045	,170	,585	,759	,169	,764	,107
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	FILEFAMILIA	Correlation Coefficient	,501(*)	,496(*)	1,000	,134	,716(**)	,732(**)	,507(*)	,277	-,053	,328	,842(**)
		Sig. (2-tailed)	,015	,016	.	,543	,000	,000	,014	,201	,812	,126	,000
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	FILEGRAVIDEZ	Correlation Coefficient	,340	-,218	,134	1,000	,378	,533(**)	,680(**)	,454(*)	,240	,244	,495(*)
		Sig. (2-tailed)	,112	,317	,543	.	,075	,009	,000	,030	,269	,262	,016
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	FILETRABALHO	Correlation Coefficient	,377	,422(*)	,716(**)	,378	1,000	,688(**)	,473(*)	,351	,136	,054	,825(**)
		Sig. (2-tailed)	,076	,045	,000	,075	.	,000	,023	,101	,536	,805	,000
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	FILEFINANÇAS	Correlation Coefficient	,553(**)	,296	,732(**)	,533(**)	,688(**)	1,000	,534(**)	,374	,034	,223	,815(**)
		Sig. (2-tailed)	,006	,170	,000	,009	,000	.	,009	,079	,879	,307	,000
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	FILESAUDE	Correlation Coefficient	,325	-,120	,507(*)	,680(**)	,473(*)	,534(**)	1,000	,507(*)	,100	,458(*)	,719(**)
		Sig. (2-tailed)	,130	,585	,014	,000	,023	,009	.	,014	,649	,028	,000
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	FILEPERDAS	Correlation Coefficient	,287	-,068	,277	,454(*)	,351	,374	,507(*)	1,000	,180	,429(*)	,577(**)
		Sig. (2-tailed)	,184	,759	,201	,030	,101	,079	,014	.	,411	,041	,004
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	FILEENTRADASESAIDAS	Correlation Coefficient	-,011	-,297	-,053	,240	,136	,034	,100	,180	1,000	,266	,186
		Sig. (2-tailed)	,960	,169	,812	,269	,536	,879	,649	,411	.	,220	,395
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	FILELEGAL	Correlation Coefficient	,074	-,066	,328	,244	,054	,223	,458(*)	,429(*)	,266	1,000	,443(*)
		Sig. (2-tailed)	,736	,764	,126	,262	,805	,307	,028	,041	,220	.	,034
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	COMPUTE Fileto = File1 + File2 + File3 + File4 + File5 + File6 + File7 + File8 + File9 + File10 + File11 + File12 + File13 ...	Correlation Coefficient	,546(**)	,345	,842(**)	,495(*)	,825(**)	,815(**)	,719(**)	,577(**)	,186	,443(*)	1,000
		Sig. (2-tailed)	,007	,107	,000	,016	,000	,000	,000	,004	,395	,034	.
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Nonparametric Correlations

			Correlations								
			filhos	SMEAN(FCreenq)	SMEAN(FCapoioespiritual)	SMEAN(FCrelavizinhaça)	SMEAN(FCint)	SMEAN(FCapoiopor)	SMEAN(FCapassiva)	SMEAN(FCavpassiva)	SMEAN(FCopesto)
Spearman's rho	filhos	Correlation Coefficient	1,000	,150	-,030	,503(*)	,352	,327	,145	-,110	,293
		Sig. (2-tailed)	.	,496	,893	,014	,100	,128	,509	,616	,174
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
SMEAN(FCreenq)		Correlation Coefficient	,150	1,000	,260	,337	,284	,595(**)	,739(**)	-,041	,577(**)
		Sig. (2-tailed)	,496	.	,231	,116	,189	,003	,000	,854	,004
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
SMEAN(FCapoioespiritual)		Correlation Coefficient	-,030	,260	1,000	,229	,180	,414(*)	,580(**)	-,017	,503(*)
		Sig. (2-tailed)	,893	,231	.	,294	,411	,050	,004	,939	,014
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
SMEAN(FCrelavizinhaça)		Correlation Coefficient	,503(*)	,337	,229	1,000	,649(**)	,622(**)	,528(**)	,344	,722(**)
		Sig. (2-tailed)	,014	,116	,294	.	,001	,002	,010	,108	,000
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
SMEAN(FCint)		Correlation Coefficient	,352	,284	,180	,649(**)	1,000	,814(**)	,457(*)	,612(**)	,758(**)
		Sig. (2-tailed)	,100	,189	,411	,001	.	,000	,028	,002	,000
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
SMEAN(FCapoiopor)		Correlation Coefficient	,327	,595(**)	,414(*)	,622(**)	,814(**)	1,000	,737(**)	,405	,853(**)
		Sig. (2-tailed)	,128	,003	,050	,002	,000	.	,000	,055	,000
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
SMEAN(FCapassiva)		Correlation Coefficient	,145	,739(**)	,580(**)	,528(**)	,457(*)	,737(**)	1,000	,221	,838(**)
		Sig. (2-tailed)	,509	,000	,004	,010	,028	,000	.	,312	,000
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
SMEAN(FCavpassiva)		Correlation Coefficient	-,110	-,041	-,017	,344	,612(**)	,405	,221	1,000	,336
		Sig. (2-tailed)	,616	,854	,939	,108	,002	,055	,312	.	,117
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23
SMEAN(FCopesto)		Correlation Coefficient	,293	,577(**)	,503(*)	,722(**)	,758(**)	,853(**)	,838(**)	,336	1,000
		Sig. (2-tailed)	,174	,004	,014	,000	,000	,000	,000	,117	.
		N	23	23	23	23	23	23	23	23	23

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).